

REVISTA

Brincar

Volume 3
nov./2016

**PREFEITURA
DE GUARULHOS**





Foto: Maurício Burim/SE - EPG Tizuko Sakamoto

As tradições culturais de cada povo e sua identidade são reveladas por suas histórias, brincadeiras, músicas, danças, comidas, línguas, cerimônias, entre outras expressões. A criança, inserida em um contexto social e histórico, se apropria, por meio das interações e das brincadeiras, das culturas e dos saberes de seu grupo social e de outros povos. Dessas relações e dos elementos culturais, vai construindo conhecimentos, ideias, repertórios e sentidos próprios, que lhe dão suporte para criar, transformar e também produzir cultura.

Nesta 3ª edição da Revista Brincar, trazemos a importância da música e de sua relação com o brincar como um dos elementos constituintes do desenvolvimento humano. A música, assim como o brincar, é compreendida como uma linguagem e como expressão humana presente em todos os tempos de vida e, principalmente, na infância, tem relevância para as propostas educativas tanto na educação formal quanto na não formal.

Assim sendo, esta Revista aborda as possibilidades dessa linguagem e suas implicações na aprendizagem e no desenvolvimento humano, ampliando as reflexões sobre a diversidade cultural, a construção de vínculos, as leituras de mundo, a conexão e reconexão com a natureza e a essência humana, contribuindo para um fazer pedagógico crítico, criativo e pleno de sentidos.

Convidamos vocês para esta “viagem” à infância, desejando um encontro genuíno e especial com o brincar e a música.

Um forte abraço.

Prof. Moacir de Souza
Secretário Municipal de Educação
Guarulhos, novembro de 2016.



Cirandando...

Pra começo de conversa

6



Tricotando

28
32



Mergulhando no tema...

16
22



Criando e Transformando

40





Programa
Mesa Educadora

52



O que a
Rede conta

58



Criança também registra **12**

A voz e a vez da criança **46**

Em tempo **50**

64 *Passa anel*

68 *Quem quer brincar
põe o dedo aqui*

Pra começo de conversa



A música exprime a mais alta filosofia numa linguagem que a razão não compreende.

Arthur Schopenhauer

MÚSICA: BRINCAR CANTANDO? CANTAR BRINCANDO?

Palma, Palma, Palma / Pé, pé, pé / Roda, roda, roda / Caranguejo peixe é.

Quem não se lembra de, quando criança, estar de mãos dadas cantando, rodando e brincando com cantigas de roda? De brincar na rua, de aprender com os amigos mais velhos na turma ou de brincar no quintal de casa? Mas por onde andam essas brincadeiras? E o lenço atrás, senhora Dona Sancha? A queimada e o esconde-esconde? Por onde andam esses e outros acervos da cultura infantil?

Muitas das brincadeiras tradicionais como ciranda cirandinha; nós quatro; passa, passa três vezes, entre outras, são atividades repletas de gestos e movimentos. Possibilitam contato físico, interações, valorizam a identidade cultural e as experiências que vêm de casa oriundas de cada família.

Mesmo com toda essa riqueza, dificilmente hoje encontramos crianças brincando e vivenciando esses repertórios culturais. São vários os fatores que levam a isso: passam horas no computador, na televisão ou envolvidas com jogos eletrônicos. Cada vez mais são cobradas de diversas responsabilidades pelos adultos, cheias de compromissos e atividades, que as impossibilitam vivenciar suas infâncias, entrando precocemente no mundo adulto. Também têm se perdido o compartilhamento dessas brincadeiras através das gerações.

Com certeza em nossa memória afetiva há um acervo de músicas e melodias que

ouvíamos de nossos pais, avós, pessoas do nosso convívio, muitas vezes bem diversificado e amplo e que nos remete a lembranças de lugares, cheiros, vozes, encontros...

Quando se estreitam as relações entre a casa e a creche ou se conhecem os brinquedos e brincadeiras preferidos pelas crianças, seus familiares e comunidade, ou seja, a sua cultura popular, caminha-se na direção da ampliação das experiências de narrativas infantis. Considerar os saberes das crianças implica em não rotular como inadequada uma música cantada por elas, ou uma preferência de dança ou um gesto, mas procurar ampliar suas experiências (DIAS, 2009, p. 25).

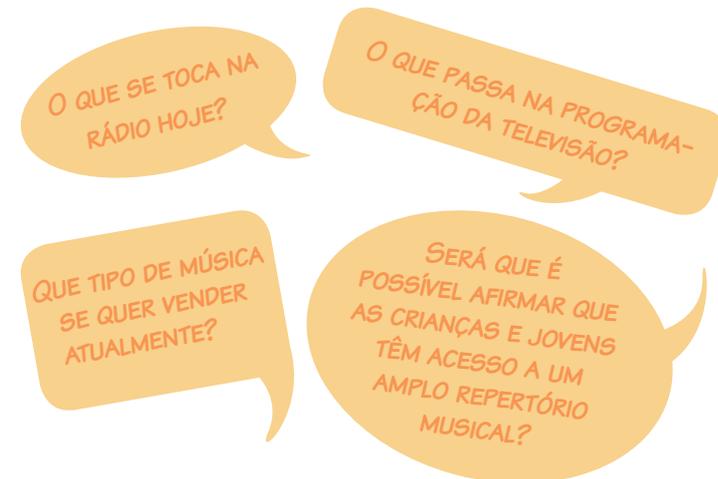
A LINGUAGEM MUSICAL

A música faz parte do cotidiano e está presente em diferentes situações de nossa vida e em diversas culturas. Revela valores, tradições, formas de compreender o mundo, faz parte de rituais sagrados, cerimônias, comemorações, reverenciando e agradecendo a natureza como fazem, por exemplo, os povos indígenas.

Como uma das linguagens do desenvolvimento humano, a música expressa a identidade cultural, social e histórica de um povo. Por todos esses aspectos, ela, assim como o brincar, carrega em si elementos integradores da constituição humana, na medida em que aproxima as pessoas, cria vínculos, sensibiliza e resgata memórias afetivas.

A música integra o que é ao mesmo tempo comum, mas também único, acolhendo as diferenças. É ainda integradora no sentido de que todas as dimensões do humano são por ela mobilizadas, possibilitando a reconexão com a nossa essência.

VAMOS FALAR UM POUCO DO PAPEL DA ESCOLA?



Vivemos numa sociedade voltada ao consumismo, aos interesses mercadológicos, à cultura de massa, em que determinadas músicas ganham visibilidade nos diferentes meios de comunicação, muitas vezes com estereótipos e duplo sentido nas letras, expondo as crianças a uma erotização precoce, seja por gestos, seja por determinados movimentos corporais. Essas referências vão fazendo parte da leitura de mundo das crianças.

Ouvir e apreciar música não é somente uma questão de gosto pela moda ou sucesso recente. Por ser uma linguagem e fazer parte do patrimônio cultural e histórico de um povo, é direito da criança ter acesso à diversidade musical em todos os seus aspectos, sendo importante que a escola lhe oportunize conhecer outras possibilidades de ouvir, criar e apreciar música, sons do ambiente, dos objetos e do corpo, ampliando as experiências sonoras.

Quando estamos ouvindo música o corpo entra em movimento com um pé balançando ou batendo no chão, sacudindo

a cabeça, batendo palmas ou as mãos na coxa e, claro, dançando. É possível criar muitas possibilidades de marcar o balanço (pulso) das músicas com as crianças.

Ao proporcionar experiências novas com danças, músicas, ritmos e expressões de diferentes culturas, a escola enriquece o conhecimento da criança, possibilita um trabalho com gestos, melodias, rimas, versos e prosas.

A escola é mais um espaço de interação e convívio, deve garantir o direito à educação, à cultura, à brincadeira e à cidadania. Considerando essas questões, um ambiente educativo para crianças pequenas é pensado e organizado para que elas possam ter contato com crianças de mesma idade, de idades diferentes e com adultos, como também ter a possibilidade de autonomia e escolhas, de se organizar, brincar sozinhas ou coletivamente. **Brincar de roda é uma das atividades que desperta alegria e prazer e possibilita trabalhar com várias linguagens:**

As cantigas de rodas e as danças infantis fortalecem elos afetivos, sociais e culturais. De mãos dadas no círculo, ou dentro deles, as crianças têm oportunidade de exercitar sua desenvoltura, compartilhar alegrias, projetar-se no grupo. No vai e vem da roda, vão descobrindo a harmonia dos movimentos do corpo e a musicalidade da própria voz. De verso em verso as músicas e danças mantêm vivas as histórias e a cultura de um povo (DIAS, 1996, apud CENPEC 2009 p. 78).



[...] para a criança de 2 a 3 anos, só correr, já é uma brincadeira. Da mesma forma, o prazer de correr, de um lado para o outro, de dançar, de se mover, continua muito importante para a criança maior. O prazer destas brincadeiras de movimento está na própria atividade em que a repetição e a continuidade são uma constante. É o que acontece nas brincadeiras de rodarodar é um correr “de lado” - nas quais a criança, desenvolve a circularidade do movimento do corpo (LIMA, 2003, p. 18).

A LINGUAGEM MUSICAL ESTÁ PRESENTE NOS DOCUMENTOS LEGAIS

O Quadro de Saberes Necessários (QSN) aponta vários saberes relacionados à música no sentido de reconhecê-la e valorizá-la como forma de expressão humana, tais como: criar e imitar sons, conhecer e expressar diferentes formas de comunicação, criar a partir do seu próprio repertório (SME, 2009, p. 50).

Quando se pensa em práticas educativas que tenham a criança como centro do planejamento, reconhece-se o direito ao desenvolvimento integral e a aprendizagens significativas e o uso de diferentes linguagens como a corporal, a musical, a plástica, a oral e a escrita, que são elementos estruturantes da proposta pedagógica da Rede Municipal de Guarulhos .

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA (BRASIL. MEC, 2013)

Princípios éticos: valorização da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades (BRASIL. MEC, 2013, p. 87).

Princípios estéticos: valorização da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais (BRASIL. MEC, 2013, p. 88).

OS BEBÊS E A MÚSICA

Desde o ventre materno podemos dizer que a criança tem contato com sons e ritmos como o batimento cardíaco da mãe e sua respiração. Assim que a criança nasce, inicia-se o processo de interação e de apropriação dos aspectos da cultura na qual está inserida e os sons e os movimentos vão fazendo parte de seu cotidiano.

Aos acalantos da mais tenra idade, seguem-se as parlendas, nas quais os primeiros gestos da melodia infantil se insinuam a par com o elemento rítmico da palavra. E aos poucos vão chegando os brinquedos cantados, cuja dinâmica, com suas variadas qualidades de movimento, vai ampliando e diversificando o universo musical (HORTÉLIO, 2006, apud CENPEC, 2009, p. 78).

Então, podemos perceber que, sem dúvida, as crianças reagem à música desde muito pequenas. Gostam de ouvir, ver, ter contato com instrumentos musicais como o violão, histórias cantadas e improvisadas que tragam em suas letras os animais e seus próprios nomes como, por exemplo, a música **(fulano) comeu pão na casa do João [bis]. Quem, eu? você. Eu não. Então quem foi ? foi o (beltrano).**

A MAGIA DE UM CESTO DE TESOUROS

Uma das possibilidades de trabalhar com as crianças pequenas é oferecer um cesto de tesouros repleto de objetos que estimulem todos os sentidos como tato, olfato, visão, audição e paladar. Entre esses objetos podemos

ter campainhas, sinos, chocalhos, tampas de panela, garrafas pet (bem fechadas) contendo pedrinhas, grãos etc. As crianças podem manipular livremente e fazer descobertas,



desfrutando dos diversos sons oferecidos. Ao contar histórias o educador pode aproveitar os objetos cobrindo o cesto com um tecido e retirando-os para sonorizar a história, surpreendendo, assim, as crianças.

E agora? Brincar cantando? Cantar brincando? Basta inventar e brincar!



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. MEC. *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEB, 2013.

DIAS, Marina Célia Moraes. *Brincar: o brinquedo e a brincadeira na infância*. São Paulo: CENPEC, 2009.

LIMA, Elvira Souza. *Conhecendo a criança pequena*. São Paulo: Sobradinho, 2002.

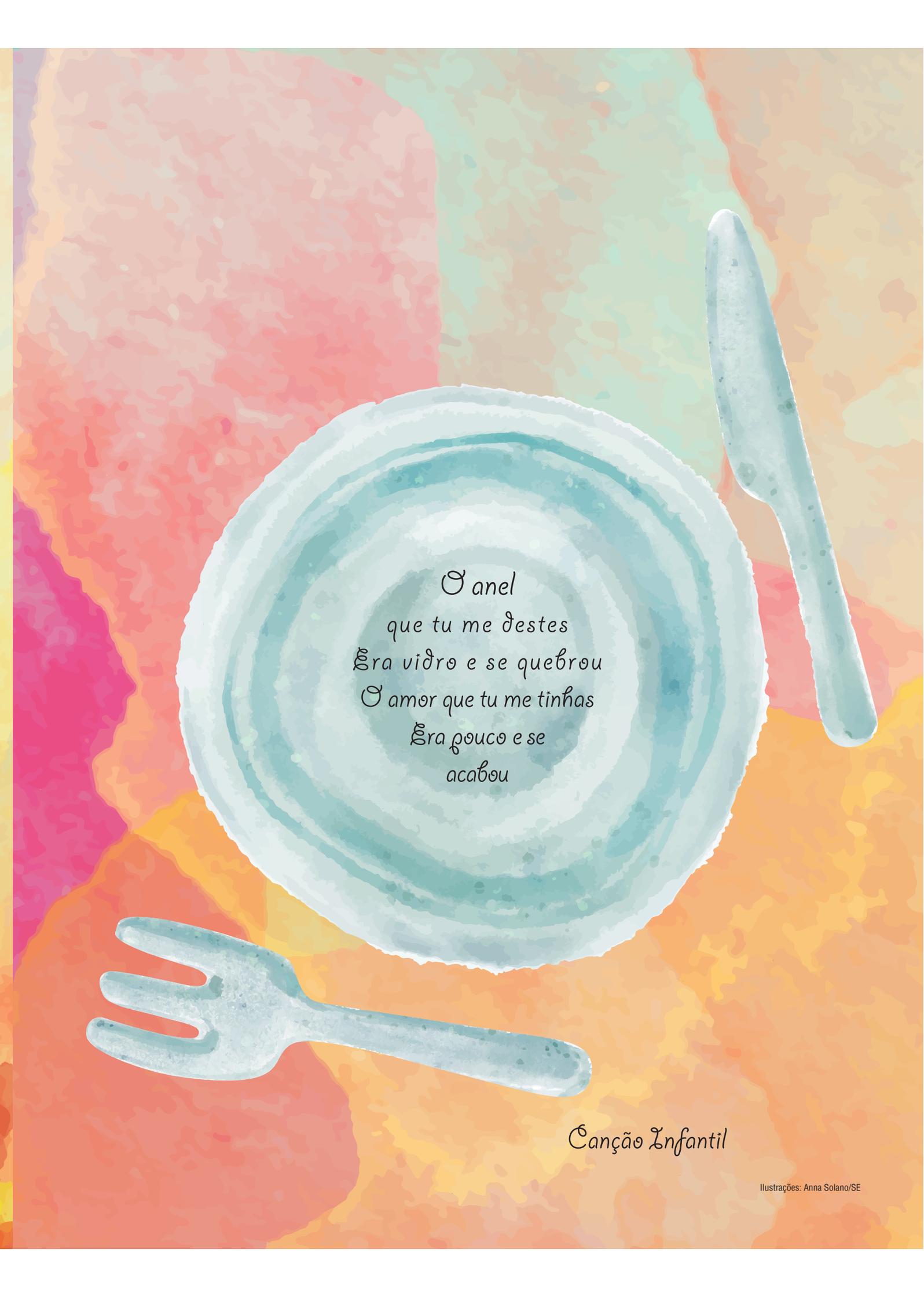


Notícias do sol

Os pássaros da manhã

Cantam na varanda

Lemaria Pinto



O anel
que tu me destes
Era vidro e se quebrou
O amor que tu me tinhas
Era pouco e se
acabou

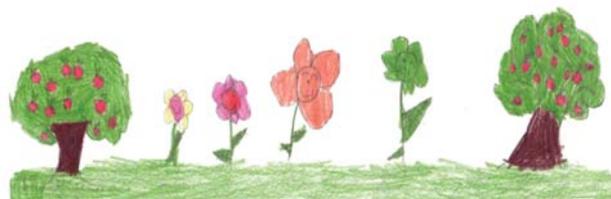
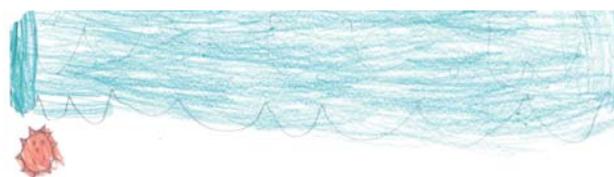
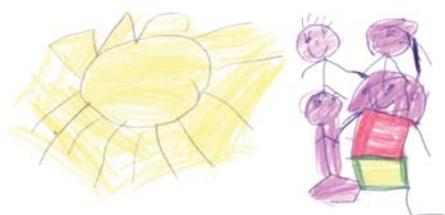
Canção Infantil

Criança também registra...

... e discute o Projeto Político-Pedagógico.

As EPGs Zilda Furini Fanganiello, Selma Colallilo Marques, Helena Antipoff e Dorival Caymmi propiciaram a participação das crianças na construção dos seus PPPs, considerando a autoria e suas formas de ver o mundo, favorecendo, assim, a expressão e o exercício da sua cidadania.

O Projeto da EPG Zilda Furini Fanganiello



Thayná Pereira Glória –
Estágio II



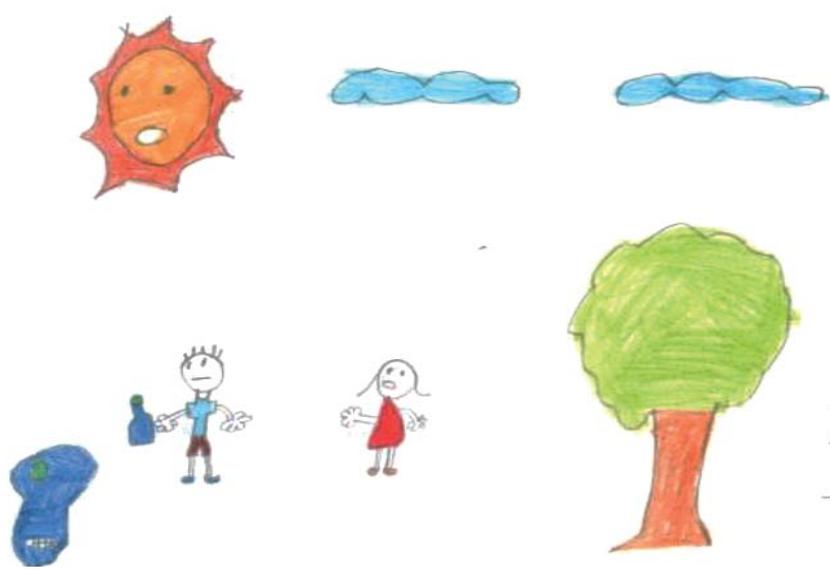
Raica Beatriz dos Santos
Souza – Estágio II



Anna Clara Santos
Lima – Estágio II



Selma Colalillo Marques e o mundo que vemos...



O mundo está poluído, está acabando por causa das pessoas que não cuidam do meio ambiente, há muita falta de respeito, violência e serem muito amáveis.



Diego Riquelme Estágio I



Erick Pinheiro de Melo Estágio I



O que as crianças do Dorival Caymmi querem?



"Uma comunidade unida, todos juntos!"



"Desejo uma escola com muitos brinquedos e com sala de vídeo". Gustavo

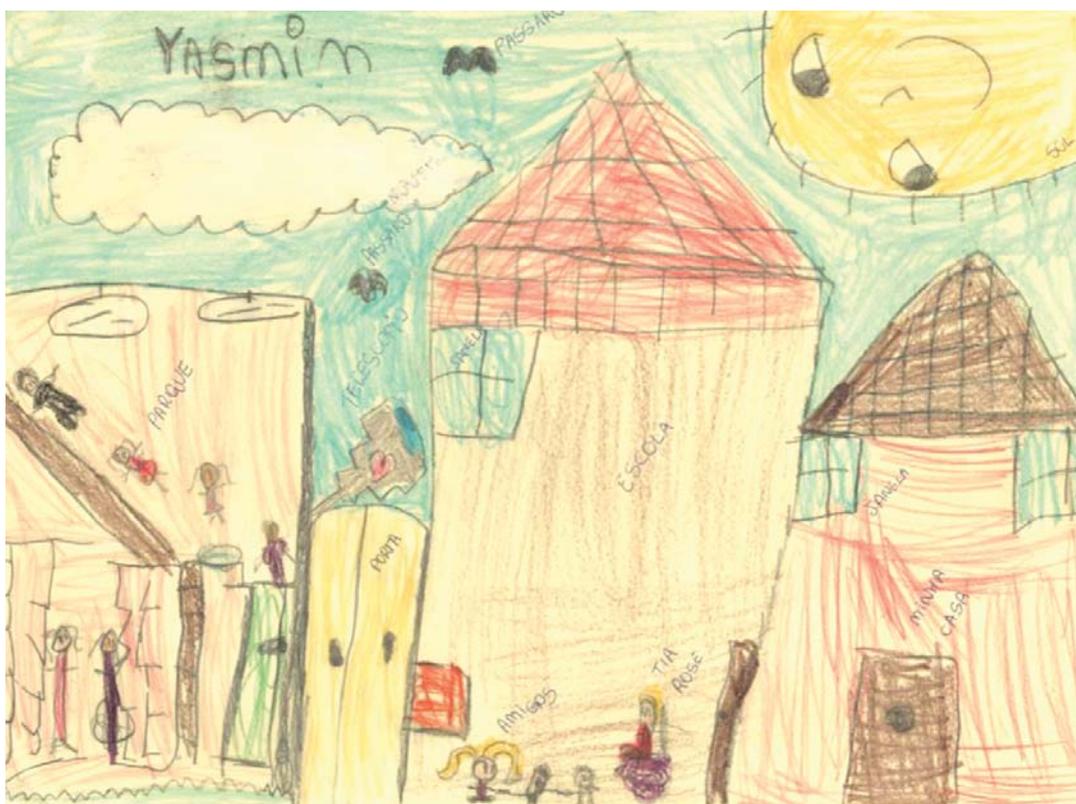


"Uma comunidade com mais polícia para prender os ladrões."



"Uma escola com parquinho."

Helena Antipoff e a escola que queremos...



Mergulhando no tema...



CANÇÃO: (EN)CANTO E HISTÓRIA

Iara Rosa Farias¹



¹ Doutora em Linguística pela USP/SP. Realizou Pós-Doutorado em Educação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente é professora na Universidade Federal de São Paulo/EFLCH, curso de Letras. É responsável pelas Unidades Curriculares Leitura e Produção de Textos Acadêmicos, Multimodalidade e Ensino, Canção e Semiótica.

Lembro-me como se fosse ontem das minhas aulas na antiga pré-escola, meus alunos de 5 e 6 anos diante de uma professora jovem. Foi o tempo das inovadoras ideias de Emília Ferreiro e discussões sobre as atividades que proporcionariam desenvolvimento na aprendizagem infantil. Muito se discutiu sobre escrita e era época em que a “sensibilização musical” das crianças também foi centro de discussão. Neste artigo, vou me ater ao segundo tema, embora desenvolvimento da escrita, canção e música estejam entrelaçados.

Uma das coisas que me auxiliou no trabalho com as crianças foi o fato de eu sempre ouvir música, mas principalmente canção. Canção brasileira e de outras nacionalidades. Claro, a formação musical me permitiu distinguir, bem facilmente, os instrumentos usados em uma canção ou música, o que ajuda, mas nos dias de hoje ver um DVD também permite identificar os instrumentos utilizados. E há a internet

onde se encontram ótimos vídeos sobre instrumentos, arquitetura cancional e musical. Também temos bons livros sobre o assunto, porque, para a sensibilização musical dos alunos, é preciso que o professor saiba o nome de alguns instrumentos na ocasião de apresentá-los. É um momento no qual a criança vai perceber melhor que determinado instrumento tem som agudo ou grave, que para produzir som é preciso bater ou soprar. Assim, aos poucos, organizar a audição, a fruição e prever a utilização desse ou daquele instrumento, segundo o projeto musical ou cancional do grupo.

Gostaria, antes de continuar essa conversa, explicar o porquê faço a distinção entre canção e música. Segundo Luiz Tatit (1986, 2004), canção nasce da fala cotidiana que, ao se acrescentar harmonia (instrumentação), se estabelece enquanto canção, ou seja, as palavras que falamos no cotidiano, entoadas, são a melodia que, acompanhada pela harmonia dos instrumentos, torna-se canção. Simples, não? E eficaz, porque a canção tem a capacidade de ser lembrada e fazer brotar emoções. O refrão é a parte na qual o cancionista, aquele que faz a canção, dá mais atenção, pois é ela que dá identidade à obra. Canções infantis, geralmente, possuem refrões de fácil memorização pelo qual se repetem sílabas e sonoridades e as crianças (e adultos) terminam por aprender a canção inteira. Além disso, a harmonia pode ter dois ou três acordes que ajudam nessa memorização.

A canção tem papel importante na aprendizagem. O primeiro aspecto é o desenvolvimento da atenção. “Entender” uma canção, seja seu ritmo, seja sua letra, precisa de um estado de atenção. E se for observar os

instrumentos que a enriquecem, ou tentar reproduzi-la, a atenção redobra. O segundo aspecto é o desenvolvimento da interpretação. Canções infantis ou mesmo adultas possuem uma pequena narrativa (de cunho oral) no qual se conta alguma coisa para alguém. Elas servem, pois, para a aprendizagem do ato de narrativizar acontecimentos, organizando, inclusive, os turnos de fala (o que contribui muito na interação da sala de aula). E tem a questão afetiva. Uma canção pode auxiliar as crianças a entenderem e se expressarem em determinadas sensações (tristeza, alegria, raiva...), melhorando a convivência e o relacionamento, além de desenvolver o respeito pelas diferenças que tanto crianças quanto adulto apresentam. A canção pode descrever mundos, sensibilizar para uma questão social e proporcionar discussões sobre variados assuntos (dos sentimentos à posse de objetos).

No entanto, há um aspecto que pouco se explora quando tratamos de canções infantis. O traço histórico de um país, ou de uma cultura e a identidade. Esses aspectos, embora relevantes, são pouco explorados, talvez porque vinculamos a canção a questões mais afetivas e melódicas. Assim, mesmo que de forma estereotipada, ao ouvir um Fado lembramos de Portugal; um Jazz, dos Estados Unidos, da mesma forma que um Pop-Rock em inglês; ao ouvir um Samba logo nos vem à lembrança o nosso Brasil e assim por diante.

A riqueza cancional do Brasil nos oferece muitos exemplos regionais. Pensemos no Axé, no Arroxa, no Sertanejo, no Forró... quanta riqueza! A relação de identificação ocorre, principalmente, pela sonoridade, pela parte da estrutura musical, já que em



algumas ocasiões, a exemplo da canção estrangeira, não entendemos a língua de origem. Pelos poucos exemplos, vemos que a canção nos coloca frente à diversidade e daí sua beleza e encanto também. Como apontei, identidade e canção possuem relação e apontarei aspectos que gostaria de ressaltar para o trabalho em sala de aula com a canção. É importante observar que primeiro se escuta e se sente a canção, depois é que se vai analisando-a, utilizando-a como suporte para outros estudos e para outras situações. Ao apresentar qualquer canção para os alunos, a perspectiva é do coração à razão. Os resultados são surpreendentes (claro que é preciso que o professor se planeje, refiro-me à sequência de trabalho com as crianças. É preciso deixar, primeiro, que elas expressem seus sentimentos).

O conjunto de canções, tanto no que diz respeito ao seu aspecto linguístico, ou seja, a língua em que é cantada, quanto no aspecto sonoro dão identidade a um grupo regional ou nacional. Isso ocorre porque a canção é reiterada em rádios, em grupos de familiares e de amigos ou quando uma pessoa a canta, aparentemente, sozinha. Repete-se algo que faz parte do cotidiano, da cultura, da vida social. E se repete porque se acostumou a isso e porque se identifica tal hábito como gostar daquilo que se repete. Porém, o gosto não é algo individual como somos levados a pensar, o gosto é construído socialmente pela reiteração e valoração de determinados traços culturais como nos aponta Fiorin (1997). O mesmo ocorre com a classificação do que é bom e do que é ruim. É uma construção social. Apenas, de vez em



quando, pensamos nisso individualmente e temos a impressão de que somos autônomos no nosso gostar... questões e astúcias da linguagem!

Tendo isso por horizonte, a construção do gosto pela sociedade, é preciso pensar, então, nas sonoridades e nas canções que fazem parte da nossa matriz cultural. Noutros termos, é preciso pensar nas músicas e canções indígenas e africanas porque fazem parte da matriz da constituição da sociedade brasileira. Tinhorão (2012), por exemplo, nos apresenta o quanto a nossa canção cotidiana é constituída pelos sons que vieram do outro lado do Atlântico, a África. Em um percurso histórico da construção do nosso país, o autor vai mostrando o quanto os negros vindos de Angola, e outros países africanos, nos deram as bases da canção brasileira. Não teríamos canções tão belas e variadas se não fossem as matrizes sonoras africanas, aliadas às matrizes indígena e portuguesa. No entanto, isso não aparece no dia a dia. Não se sabe ou se fala sobre isso. Ainda não temos, de fato, a consciência da nossa matriz identitária, seja africana, seja indígena. Por isso, acredito que pouco se trata desse tema, muito relevante, na sensibilização musical infantil.

Claro que houve avanços. Um deles foram as leis 10.639/2003¹ e a lei 11.645/2008². No entanto, o trabalho cotidiano ainda depende do professor,

¹ Inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".

² Inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".



da escola e da comunidade em seu entorno. E, para isso, o papel do professor é preponderante, pois é ele quem pode lançar a faísca que vai iluminar e dar direção a muitas ações rumo à identificação das matrizes que nos constituem enquanto brasileiros. Um dos meios pode ser a sensibilização musical e o trabalho com canções de matrizes africanas e indígenas.

Acredito, por experiência própria, que o primeiro passo para isso é o professor ter acesso a materiais que tratem de canções infantis, ou canções de um modo geral, de matrizes africanas e indígenas. O segundo passo, a meu ver, é se familiarizar com os instrumentos, seja para trabalhar com canções do nosso cotidiano, seja para trabalhar com canções de matrizes africanas e indígenas. Tanto para um tipo de canção quanto para outro, trabalhar com a sonoridade do instrumento é o início para chamar a atenção dos alunos e fazê-los observar particularidades. Esse passo é importante, pois, além de auxiliar na escuta da canção (que delícia identificar um instrumento que já se ouviu!), vai ser aproveitado indiretamente, e enriquecedoramente, em outras atividades (como na escrita e na noção temporal).

Quando iniciei este artigo, lembrei-me do meu trabalho com as crianças de 5 e 6 anos. Escrevi que era jovem, ou seja, um tanto ansiosa. Pois bem, vou dividir uma história com vocês que me leem e de que hoje acho graça. Serve para mostrar a questão do planejamento para sensibilização

musical. Ao levar as crianças para sala de música apresentei todos os instrumentos percussivos ao mesmo tempo! Imaginem o que vinte crianças não fizeram. Sonoridade extrema. Eu aproveitei e fiz um desfile pela escola (risos), mas a aula não atingiu seu objetivo. Na outra vez, comecei apresentando um instrumento, comentamos sobre ele, ouvimos depois uma canção e identificamos os trechos onde ele aparecia. O trabalho foi bem mais produtivo e aproveitado, como pude comprovar depois.

Não é necessário que o professor seja músico, cancionista, que tenha formação musical. É necessário que o professor conheça os instrumentos, seus sons — se agudos, se graves — e canções que os apresentem. É um começo que faz muita diferença para história das matrizes culturais do nosso país e para o desenvolvimento do gosto daquilo que herdamos. É desenvolver o gosto para aquilo que nos diferencia culturalmente no mundo. A canção brasileira tem a beleza que possui por conta das nossas matrizes africanas, indígenas e portuguesas, precisamos apontar aquilo que ainda falta ouvir! O livro de Almeida e Pucci (2015) é um ótimo começo para se conhecer os instrumentos e sonoridades. A obra conta com CD, inclusive.

A identidade cultural se alcança pela identificação, ou seja, o sujeito desenvolve a sua identidade quando se identifica com um parâmetro constituído socialmente. E como disse acima, só buscamos nos identificar com aquilo que é valorizado. Por que muitas pessoas são apaixonadas por futebol? Porque na nossa cultura é um esporte





Foto: Maurício Burim/SE- EPG Amador Bueno

“euforizado”, valorizado. Demorou muitos anos para que o vôlei, por exemplo, tivesse um estatuto perto do que tem o futebol. Foram anos de notícias mostrando o quanto nossas seleções de vôlei fizeram mundo afora. Com as canções africanas e indígenas não será diferente. É preciso que se ressalte a beleza e riqueza sonora que elas portam. E como tais sonoridades fazem parte das nossas canções cotidianas.

Outro ponto que gostaria de destacar é a relação equivocada que se faz da sonoridade africana com as religiões de matriz afro. Em primeiro lugar, religião é algo de foro íntimo, é pessoal. E enquanto professores não nos cabe julgar a religiosidade de nossos alunos ou dos seus pais. Somos educadores, sujeitos responsáveis pelo desenvolvimento de um ser humano que vai fazer parte da nossa sociedade e poderá contribuir muito com ela. E quanto mais variado o repertório de conhecimentos que pudermos apresentar aos nossos alunos melhor será a participação deles, e nossa também, na melhoria social. E isso inclui o respeito pelas diferenças. Diferenças que constituíram a canção brasileira que nos identifica mundialmente.

Além disso, relacionar sons percussivos à religião é atitude equivocada. Algumas culturas de países africanos utilizavam os atabaques, por exemplo, para dar notícias entre povos vizinhos (e o telegrama foi inventado muitas décadas depois). Músicas percussivas eram tocadas em atividades das mais variadas.

O que gostaria de ressaltar é que somos um povo que tem no sangue e nas tradições cotidianas, às vezes nem percebidas, a mistura. Isso nos torna ricos culturalmente. Acredito que seja preciso, cada vez mais, apontar a contribuição de culturas que são nossas matrizes, mas que por séculos tiveram suas histórias apagadas. Isso nos deixa incompletos a ponto de nós, brasileiros, termos uma crítica descabida a nós mesmos. Ao invés de criticar o que é nosso, por que não ressaltar tudo o que temos de bom e que recebemos de herança dos africanos e indígenas? Por que, antes de julgar sem analisar, não buscamos conhecer melhor as nossas bases e, assim, a nós mesmo? Por que, antes de ver os aspectos negativos, não buscamos entender a quem serve ressaltar tais aspectos, já que toda a

humanidade os tem? A canção pode contribuir para dar essas respostas porque, além de ser um objeto estético, belo, de fruição, é um objeto rico culturalmente, que traz aspectos dos povos que nos constituíram como brasileiros. A canção faz parte da trilha sonora da vida de cada um de nós e, sobretudo, foi a trilha sonora da vida de nossos antepassados e pode ser das nossas gerações futuras. Enfim, a canção tem o (en)canto das palavras que nos perpetuam historicamente como seres sociais.

INDICAÇÕES

As indicações sobre canção que estão abaixo foram indicações da professora Viviane Fernandes Fraga da Silva, que possui Mestrado em Educação - UFBA (Universidade Federal da Bahia), 2011, é Especialista em Psicopedagogia - UNIFACS (Universidade Salvador), 2015. Trabalhou como Professora Orientadora do curso de Especialização em Gestão Escolar, Escola de Gestores da Educação Básica - FACED/UFBA - FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), 2015.

LAURIA, Nair Spinelli.
Quintal... Saudade ou utopia?
Salvador: EDUNEB, 2013. Livro
com brincadeiras, cantigas e
músicas de matriz africana,
indígena, portuguesa.

CIRANDANDO BRASIL.
Brincadeiras, músicas de matriz
africana, indígena, portuguesa.
Disponível em: <http://www.cirandandobrasil.com.br/>. Acesso em
12 jun.2016

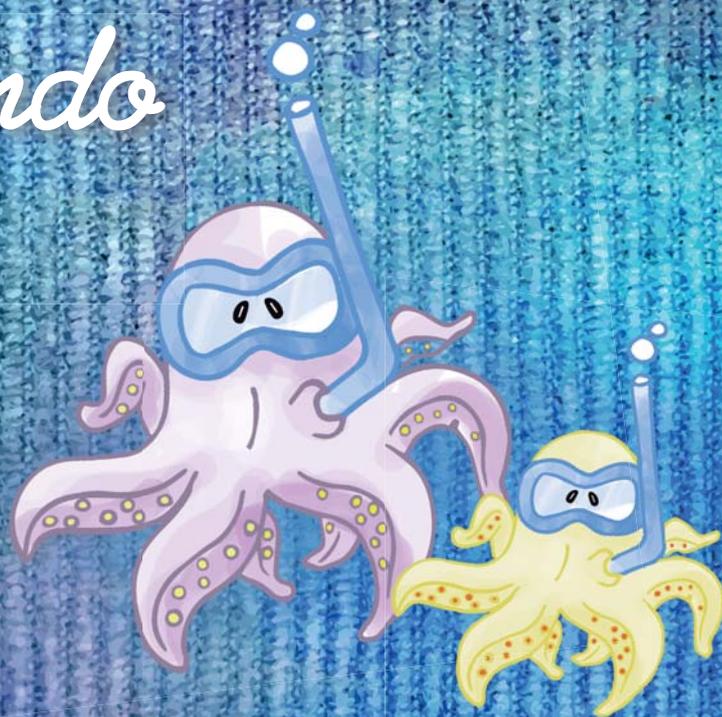
CUNHA,
Débora Alfaia da. Brinca-
deiras africanas para a educa-
ção cultural. Castanhal, PA: Edição
do autor, 2016. Disponível em: [http://
www.laabufpa.com/phocadownload/
ebook/ebook-brincadeiras-africa-
nas-para-a-educacao-cultural.pdf](http://www.laabufpa.com/phocadownload/ebook/ebook-brincadeiras-africanas-para-a-educacao-cultural.pdf).
Acesso em 10 jun. 2016.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Berenice; PUCCI, Magda Dourado. Outras terras, outros sons. Ilustração Thiago Lopes. São Paulo: Callis Editora, 2015.
- FIORIN, José Luiz. De gustibus non est disputandum? Para uma definição semiótica do gosto. FIORIN, J. L.; LANDOWSKI, E. (eds.) O gosto da gente, o gosto das coisas: abordagem semiótica. São Paulo: EDUC, 1997, p. 13-28.
- TATIT, Luiz. O século da canção. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2004.
- _____. A canção: eficácia e encanto. São Paulo: Editora Atual, 1986.
- TINHORÃO, José Ramos. Os sons dos negros no Brasil. Cantos, danças, folguedos: origens. São Paulo: Editora 34, 2012.

Mergulhando no tema...

...mais um
pouquinho!



CULTURA INFANTIL E MÚSICA TRADICIONAL DA INFÂNCIA

Lucilene Silva²



² Mestre e doutoranda em Música na UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas); formação em Letras e Música Brasileira desenvolve desde 1998 pesquisa e documentação de Cultura Infantil e Música Tradicional da Infância no Brasil, representa em São Paulo a Casa das 5 Pedrinhas fundada pela pesquisadora Lydia Hortélio; integra a equipe de educadores da Casa Redonda Centro de Estudos e do Instituto Brincante. Autora da publicação *Eu vi as três meninas, música tradicional da infância na Aldeia de Carapicuíba*, 2014, Zerinho ou Um Editora, livro que em 2015 recebeu o prêmio IPHAN de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial.

Diferente do que ocorre entre as principais línguas europeias — que têm uma unidade terminológica no que tange à denominação do repertório da infância: *jugar* em espanhol, *to play* em inglês, *spielen* em alemão, *jouer* em francês — no Brasil são utilizados termos distintos para definir jogar e brincar. Jogar se relaciona às brincadeiras de competição e regra, como o jogo das cinco pedrinhas, pião, bolinha de gude, tabuleiro, cartas, bola, entre outras. Brincar — termo de origem latina que se origina de *vincio*: ligar, prender, unir, cativar; e *vinculum*: laço (HOUAISS, 2001, pp. 514 e 2862) — é conjugado quando se trata das demais brincadeiras, como boneca, carrinho, casinha, corda, faz de conta, roda, mão etc., como brincar de boneca, brincar de carrinho...

Pesquisas comprovam que o brincar é milenar, universal e constitui representações de diferentes aspectos das sociedades nas quais se desenvolveu ou se integrou. Segundo Huizinga, “o jogo é fato mais antigo que a cultura, pois esta pressupõe sempre a sociedade humana” (HUIZINGA, 2012, p. 3). Orestes Plath (2003) afirma que muitos brinquedos e brincadeiras são reminiscências de antigos rituais mágicos e religiosos. No antigo Egito, Roma e Grécia, as bonecas



representaram figuras das divindades. Seu tamanho reduzido permitia transportá-las facilmente cada vez que o clã mudava de habitação. Também foram utilizadas como talismãs e símbolos, atribuindo-se a elas poderes, em especial o da fertilidade. O balanço está relacionado a ritos religiosos, era uma cerimônia através da qual se libertavam as almas do purgatório. Como uma cerimônia de colheita, gregos e romanos acreditavam que quanto mais alto subisse o balanço, mais alto cresceria o arroz. A amarelinha³, para alguns estudiosos, representa o progresso da alma desde a terra até o céu, já que o nome dado à última casa, “céu”, se refere ao paraíso.

Outros consideram que sua origem está nas antigas práticas astrológicas: as doze casas correspondem aos doze signos do zodíaco e a pedra representa o sol. Um dos desenhos mais antigos que se conhece está gravado no chão do Fórum de Roma. O pião⁴, a princípio, fez parte de um instrumento que se utilizava para obter fogo mediante a fricção de um eixo vertical com uma madeira horizontal. O pião pequeno, acionado através da fricção dos dedos, denominado “piorra” no Brasil, era utilizado pelos magos para girar sobre os oráculos. As cinco pedrinhas⁵, jogadas na Grécia antiga e Roma com ossos retirados das patas dos animais, astrágalos de carneiro, vêm de práticas divinatórias, como instrumentos de consulta aos deuses pelos sacerdotes. Nesses rituais, os astrágalos eram lançados ao acaso e, de acordo com a posição em que caíam, respondiam às perguntas feitas (PLATH, 1998). A permanência desse repertório no imaginário e cotidiano do povo prova seu poder de adaptação e conservação.

Cada região possui paisagens e características próprias e o ser humano traça sua maneira de se relacionar com elas. Algumas

brincadeiras são cíclicas e tais ciclos podem variar de um lugar para outro, relacionando-se com as estações do ano, períodos de safras, férias escolares, tipos de vegetações predominantes em determinadas épocas, entre outras. Observações e registros feitos sistematicamente entre grupos de crianças ao longo dos últimos treze anos na comunidade da Aldeia de Carapicuíba, município de Carapicuíba-SP, nos mostra, por exemplo, que a bolinha de gude é frequente nos meses de março a maio, isto é, no outono, estação posterior às chuvas de verão. A terra ainda molhada facilita cavar buracos no chão a uma mesma distância, para o arremesso das bolinhas, sendo a forma mais tradicional do jogo. Nos meses de junho e julho, o inverno traz, com os ventos, as brincadeiras de pipa e aviõezinhos. Entre agosto e setembro, período de estiagem, a terra seca possibilita o desenho das amarelinhas, riscado no chão duro, com pedras ou cacos de telhas.

Na primavera, ainda sem chuvas e com temperaturas amenas, as brincadeiras prediletas são aquelas realizadas ao ar livre: pega-pega, jogos com bola e outros jogos de movimentação específica. No verão, de dezembro a março, período que integra a liberdade das férias escolares com brincadeiras na rua, temperaturas quentes e pancadas de chuva, são frequentes as brincadeiras de esconde-esconde, jogos de tabuleiro, bola, barquinhos de papel, carrinhos de rolimã, pneus e barris que rolam pelas muitas ladeiras da comunidade. No mês de janeiro, as pipas entram em cena novamente. Brincadeiras como pião, corrupio, figurinha, cinco pedrinhas, cama de gato, corda, mão e roda acontecem ao longo de todo o ano, de forma irregular. Há diferenças no repertório de meninos e meninas, embora haja

³ Brincadeira que consiste em saltar desenhos horizontais e verticais riscados no chão.

⁴ Brinquedo de madeira, de forma cônica, com uma cabeça e uma ponta de ferro, na qual se enrola uma corda que o faz rodar.

⁵ Jogo com pedras que consiste na formação de figuras a partir do arremesso das pedras para o alto sem deixá-las cair no chão.

muitos elementos comuns. As brincadeiras de amarelinha, bambolê, boneca, casinha, cinco pedrinhas, corda, elástico e o repertório da música tradicional da infância, como os acalantos, brincos e brincadeiras de roda são mais frequentes entre as meninas, enquanto bola, bolinha de gude, cabo de guerra, carrinho, corrupio, diabolô, ioiô, pião, pipa, e os jogos em geral, predominam entre os meninos.

Da mesma forma que as brincadeiras variam ao longo dos meses, de acordo com as características das estações, esse repertório também varia de acordo com o desenvolvimento da criança, trazendo novos desafios à medida que ela cresce. Dos primeiros anos de vida à adolescência, experimenta progressivamente acalantos, brincos, histórias, brincadeiras de casinha e faz de conta, balanço, boneca, carrinho, roda, fórmulas de escolha, adivinha, parlenda, trava-línguas, brincadeira de mão, corda, cabo de guerra, cama de gato, bola, amarelinha, pega-pega, esconde-esconde, elástico, cinco pedrinhas, bambolê, pião, ioiô, corrupio, diabolô, bilboquê, bolinha de gude, pipa, jogos de tabuleiro, outros jogos e brinquedos, e as rodas de verso, repertório frequente na adolescência que culmina na idade adulta (HORTÉLIO, 2012).

Segundo a classificação de Lydia Hortélio, esse repertório é composto por brincadeiras silentes e sonoras (HORTÉLIO, 2012). As brincadeiras silentes correspondem àquelas sem música: amarelinha, bolinha de gude, brincadeiras com bola, pega-pega, esconde-esconde, cabo de guerra, cinco pedrinhas, jogos de tabuleiro e outros jogos, brincadeiras de casinha, ioiô, pipa, pião, corrupio, cavalinho de pau, balanço, boneca, entre outras. As brincadeiras sonoras, como acalantos, brincos, rodas, his-

tórias, adivinhas, parlendas, trava-línguas, fórmulas de escolha, brincadeiras de corda, mão e brincadeiras de movimentações específicas, compõem o repertório das brincadeiras com música.

Feita pela criança e para ela, a música tradicional da infância a embala desde o nascimento e percorre toda a sua fase de desenvolvimento. Carrega os ritmos e molejos da música brasileira, a beleza da nossa poesia popular, os gestos, os movimentos e desafios imprescindíveis ao desenvolvimento da criança e a nossa diversidade cultural. Subdivide-se em: brincadeiras cantadas, ritmadas, rítmico-melódicas e melódico-ritmadas (HORTÉLIO, 2012, p. 3). As brincadeiras cantadas, com melodias que variam de uma nota só à escala completa, apresentam a diversidade musical brasileira. As ritmadas, sem melodia, têm como elemento principal a palavra recitada. As rítmico-melódicas e melódico-ritmadas compreendem o repertório que combina as duas formas, com maior ou menor predominância da melodia ou do ritmo.

A base do repertório cantado da tradição da infância brasileira foi herdada dos portugueses. A falta de documentação e a miscigenação índio-branco-negro deixam dúvidas sobre a origem estritamente indígena e negra que tenha influído na formação da cultura infantil brasileira. Dos índios, a maioria dos registros estão relacionados ao objeto brinquedo e aos aspectos sociais, cotidianos e de relação com a natureza: caçar animais, domesticar pássaros, macacos e lagartos, confeccionar e brincar com o arco e flecha, confeccionar pequenos barcos, budoque, piões feitos de frutos, cama de gato, bola de látex, peteca, jogos coletivos, imitando com frequência os animais, balançar na rede, cozinhar, colher frutos. Da cultura





Foto: divulgação

negra vimos sinais como: melodias constituídas de pequenos intervalos, geralmente dentro de uma quinta, os múltiplos aspectos rítmicos, o andamento mais movido, a estrutura de responsório e o léxico.

Além das contribuições dos principais grupos étnicos formadores da cultura brasileira, a partir do século XIX, com o ingresso de levas de imigrantes no país, somado à miscigenação e à aquisição de hábitos e costumes diferentes, muitas brincadeiras - principalmente as cantigas de roda, as adivinhas e as fórmulas de escolha - incorporaram-se ao brincar das crianças brasileiras (ALTMAN, 1999). Entre outros sinais de contribuição, as melodias, vocábulos e corruptelas incorporadas ao repertório sinalizam a influência dos migrantes. Além das influências das línguas estrangeiras, o advento do rádio, cinema, televisão e outras mídias também influenciou significativamente no repertório. Muitas brincadeiras trazem termos ou músicas de comerciais, filmes,

desenhos animados, personagens e artistas desses meios de comunicação.

É interessante observar que as adaptações do texto ao que a criança compreende é o que de mais comum acontece no repertório da infância. São riquíssimas as soluções encontradas para substituir os termos não compreendidos, ou que não fazem parte do seu vocabulário. Na fala, reproduz o que entende e, por isso, são inúmeras as variações de termos reinventados por elas. Essa compreensão, às vezes sem tradução para o adulto, tem relação direta com os sons do cotidiano, que no repertório da infância é tema recorrente. Sua localização no tempo e no espaço sinaliza a história, a geografia e os costumes do lugar de origem.

Nas variantes encontramos sinais do rural, do urbano e de particularidades das regiões brasileiras, seja em vocabulário, paisagem, vegetação, personagens, alimentação, trabalho, crenças, superstições, festas, seja nos gêneros musicais predominantes em cada região.





Foto: divulgação

Arrasta-pé, Caboclinho, Calango, Carimbó, Ciranda, Choro, Coco, Dobrado, Frevo, Ijexá, Marchinha, Marcha-rancho, Maxixe, Polca, Samba, Quadrilha, Valsinha, Xote, entre outros, são experimentados corporalmente pelas crianças nas brincadeiras. Muitas vezes músicas pertencentes aos folguedos, danças e festas também se incorporam a esse repertório.

As brincadeiras classificam-se de acordo com a movimentação, ação, desafio e objeto brinquedo utilizado. São regidas pelos verbos, que indicam a ação ou movimento: adormecer, acalantar, balançar; entreter, divertir, andar, sacudir, tocar, equilibrar; ouvir, contar; rodar, escolher, representar, imitar; jogar, tirar; sortear; passar, abrir, fechar, parar e pular. Os desafios que aparecem de formas diferentes em cada grupo poderiam nos levar a classificá-los por idade, com base nas possibilidades corporais de cada fase da infância, porém, na prática, crianças de diversas idades são incluídas nas brincadeiras e aquelas menores, ou as que não cumprem os níveis de dificuldades com a mesma desenvoltura que as demais, também brincam juntas. Para elas, denominadas em muitos municípios brasileiros “café com leite”, as regras são maleáveis, o que lhes possibilita aprender com base na prática e na observação. O criativo, flexível e variável presentes na infância nos mostram que nada é estático e padronizado na cultura que lhe pertence.

A poética da infância traz na sua essência a simplicidade, a verdade, a pureza, a alegria, a criatividade e a singeleza das crianças. Predicados que também fazem parte da essência do povo e da cultura popular brasileira. Necessário se faz compreendermos e nos inspirarmos nessa essência para estarmos com elas. Necessário se faz ouvi-las para compreendermos que tudo é muito mais simples do que imaginamos. Nessa simplicidade está a beleza da criança e da Cultura da Infância do povo e da Cultura Popular Brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALTMAN, Raquel Zumbano. Brincando na História. In: PRIORE, Mary Del (Org.). História das crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 1999.
- BRINCAR. In: HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HORTÉLIO, Lydia. Música tradicional da infância / Música da cultura infantil no Brasil. Salvador/BA, jul. 2012. Artigo não publicado.
- _____. De onde vem aquela menina? Jornal Fura Bolo, São Paulo, n. 11, ano 2. out./nov. 2002. Ponto de Vista.
- _____. Criança, natureza, cultura infantil. Jornal Tema Livre. Bahia, n.53, ano V, jul. 2002. Instituto Anísio Teixeira, SE-CBA/Secretaria da Educação e Cultura do Estado da Bahia.
- _____. Abra a roda Tin do lê lê... São Paulo: Brincante, 2002. 1 CD. Acompanha livreto.
- _____. Ô, Bela Alice... Salvador: Casa das Cinco Pedrinhas, 2004. 1 CD. Acompanha livreto.
- HUIZINGA, Johan. Homo Ludens. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- PLATH, Oreste. Origen y folclor de los juegos en Chile. Santiago de Chile: Grijalbo, 1998.
- SILVA, Lucilene. Eu vi as três meninas, música tradicional da infância na Aldeia de Carapicuíba. Carapicuíba: Zerinho ou Um, 2014.
- _____. Brincadeiras para crianças de todo o mundo. São Paulo: 3D3, 2007.
- _____. Música tradicional da infância. In: A música na Escola. São Paulo: 3D3, 2012.

MENINOS SOLTANDO PAPAGAIOS

O sol se põe no horizonte
O céu parece uma festa
Papagaios vão voando
Na pouca luz que ainda resta.
Crianças brincam contentes
Com as pipas bem coloridas
Batem palmas, gritam, riem
Parece uma boa vida
Mas o tempo vai passando
Passa depressa o verão
E esses meninos contentes
Amanhã, onde estarão?

Ruth Rocha

Tricotando

Entrevista com Barbatuques



CLAP! CLAP! CLAP! PLEC! PLEC! VAMOS BARBATUCAR?



O grupo Barbatuques foi fundado em 1995 pelo músico paulistano Fernando Barba e produz música a partir do batuque com o próprio corpo. Melodias e diferentes ritmos musicais são criados pelos efeitos de voz e exploração de sons produzidos pelo corpo humano: palmas, estalos, batidas, mãos e pés em sintonia, resultando ritmos do samba ao rap. Além disso, mostra a coletividade e a brasilidade como temas. Recebeu prêmios como TIM de Música na categoria Melhor Grupo de MPB e tem na bagagem passagem por diversos países como França, Espanha e Portugal.

Revista Brincar - "Barbatuques", como surgiu esse nome e qual é a proposta do grupo?

André Hosoi - O nome Barbatuques surgiu da junção de duas palavras: Barba e Batuque. Barba é o apelido do nosso diretor musical e fundador do grupo, Fernando Barboza. O mais engraçado é que ele nem usava Barba, é uma redução de Barboza.

O apelido foi dado pela Lu Horta, integrante desde o começo do grupo, assim como eu. A proposta dos Barbatuques é explorar as possibilidades sonoras do corpo, sempre no âmbito musical. Hoje somos um núcleo artístico e pedagógico, temos uma série de CDs, DVDs, espetáculos, trilhas sonoras, oficinas para educadores, crianças e também para o mundo corporativo.

RB - Quais foram as motivações dos primeiros trabalhos e as influências musicais que tiveram em relação à percussão corporal?

AH - Quando começamos não havia nenhum grupo especializado nisso, ou, se havia, não conhecíamos. Tudo partiu de uma brincadeira, quase um tique que músico tem de ficar imitando e cantando as músicas de que gosta. Tínhamos uma escola de música eu, o Barba e o Marcos Azambuja e abrimos um curso de percussão corporal no começo da década de 1990. Dessas aulas formou-se um grupo de estudos e, depois de um tempo, resolvemos levar esse trabalho para o palco, montar um espetáculo, o que deu em nosso primeiro CD e primeiro show: “Corpo do Som”.

Nessa época tínhamos como influência Naná Vasconcelos, Hermeto Pascoal, Bobby McFerrin, Gilberto Gil e muitos outros. Também nos influenciaram muito as canções e danças tradicionais do folclore brasileiro, tais como o Boi do Maranhão, o Maracatu, o Baião, o Coco, o Toré indígena. Além disso, houve um músico que nos influenciou muito, chamado Stênio Mendes. Ele nos mostrou muitas possibilidades sonoras e jogos de improvisação que usamos até hoje.

Hoje em dia, depois de viajar por mais de 27 países, conhecemos mais sobre as tradições corporais mundo afora e descobrimos que ela existe em várias partes do mundo, com sotaques diferentes, porém não encontramos nada parecido com nossa linguagem e com foco só no corpo, com arranjos, como uma orquestra corporal.

RB - A valorização da coletividade e da cultura brasileira é muito presente na expressão de vocês. Como isso tem ressoado no processo criativo?

AH - A música que fazemos sempre tem a

ver com o nosso entorno. A arte é a representação de uma época, de uma sociedade. Fazer som com outras pessoas é uma coisa muito antiga e remete a rituais hoje cada vez mais raros. Acreditamos muito na soma das individualidades e na criação de um som único entre as pessoas envolvidas. Por isso, usamos muitos jogos de improvisação. Já a cultura brasileira sempre foi nossa base, apesar de hoje incorporarmos influência de muitos outros países, por conta de nossas viagens e relações com pessoas mundo afora.

RB - O que têm a dizer da relação entre a música, o corpo e o brincar?

AH - Tudo que fazemos com prazer ajuda no aprendizado. Descobrir sons com o corpo é uma forma de consciência corporal, uma linguagem a ser aprendida e que é democrática, lúdica e não gera custos de compra de instrumento. Só isso já é o suficiente para darmos atenção a essa ideia. Todos no grupo fazem música por prazer, é nossa diversão, nosso brincar e nem por isso deixa de ser séria, trabalhosa e sempre requer muito treino e estudo. Acho que tudo que fazemos tem que ser, de alguma forma, prazeroso.

RB - De que forma o trabalho dos Barbatuques dialoga com as memórias afetivas da infância dos integrantes (pessoas, lugares, brincadeiras, cheiros, sons etc.)?

AH - O tempo todo. Os sons corporais existem desde que nascemos, desde que o homem nasceu. Cada um tem uma voz única e um corpo único, que é definido geneticamente e pelos acontecimentos de nossas vidas. Quando o usamos para fazer som, todo esse histórico conta. Se você tem uma mão grande, o som sai de um jeito, se você tem uma dificuldade na fala, de outro. Os “problemas” deixam de ser uma coisa negativa para ser uma característica daquela pessoa.





Foto: divulgação

Coisas que aprendemos com o corpo ficam muito incrustadas. É como dirigir, difícil esquecer uma vez que se aprende. A gente leva esse repertório para a vida e vice-versa, a vida nos traz inspiração. Então conta tudo, nossa infância, nossas alegrias, aflições, medos, dificuldades e facilidades.

RB - Em que momento o grupo começa a se encantar pelas crianças e vice-versa?

AH - Sempre houve muita criança nos shows dos Barbatuques, mesmo antes de atinarmos em fazer um trabalho específico para elas. Quando parte dos integrantes começou a ter filhos, foi inevitável não pensarmos nesse universo. Levamos mais de dois anos elaborando nosso primeiro infantil, o Tum Pá. Queríamos entender com profundidade esse mundo e buscar links com nosso trabalho. Pesquisamos muitas brincadeiras tradicionais e compusemos em cima delas. Deu muito certo. Hoje temos o Tum Pá e o recém-nascido Barbatuques, que é uma aula-espetáculo interativa muito bacana. Além disso, fizemos trilhas para desenhos animados como o Rio 2, do Carlos Saldanha, O Menino e o Mundo, do Alê Abreu, a série Buuuu, do canal Globo. Tudo isso nos aproxima desse mundo fantástico dos pequenos.

RB - Como é a interação com os adultos e com as crianças? De que maneira esses diferentes públicos “respondem” às propostas?

AH - Em nossos shows a impressão que dá é que o adulto vira um pouco criança. Ele volta a experimentar gestos que normalmente não faz por vergonha ou mesmo por não pensar mais nisso, não se permitir. As crianças costumam se entregar totalmente. Ela não pensa muito,

acha legal e começa a experimentar e se encantar com as descobertas. É sempre muito gratificante ver adultos e crianças levando um “instrumento novo” para casa.

RB - Comente a contribuição dos trabalhos do grupo para a formação humana.

AH - A música corporal aproxima e conecta as pessoas. Elas precisam estar atentas aos outros, exercitar a escuta, a percepção, e a colaborar com o outro. Fora isso, elas estão trabalhando a coordenação motora, a criatividade e o trabalho em equipe o tempo todo.

RB - Como veem a criança no mundo de hoje?

AH - As crianças hoje estão expostas a uma série de estímulos e muitas vezes não têm muito tempo de se perceber. A música corporal propõe isso: olhar para si mesmo, para o outro, para essa relação. Com o excesso de mídias, vídeos, jogos eletrônicos, mundo virtual, é importante a criança olhar para o mundo real, e nada mais real que nossos corpos.

RB - Dos Barbatuques para os educadores:

AH - Acho que o maior ganho em trabalhar a música corporal é poder fazer som coletivamente, em que todos os sons são importantes, mesmo que sejam muito simples. Tirar o aluno da cadeira, fazê-lo se mexer, combinar sons, criar paisagens sonoras, arranjos, roteiros. Musicalizar-se. Tudo isso trabalha de forma intensa a criatividade e as relações, o que, a meu ver, é o principal papel das instituições escolares.

Para saber mais...

www.barbatuques.com.br

<http://bit.ly/FotosBarbatuques>

<http://bit.ly/FotoJogoTumPa>

<http://bit.ly/FotosBBTQsAyú> e

<http://bit.ly/FotosTumPa>

<http://bit.ly/Ayú-Barbatuques>

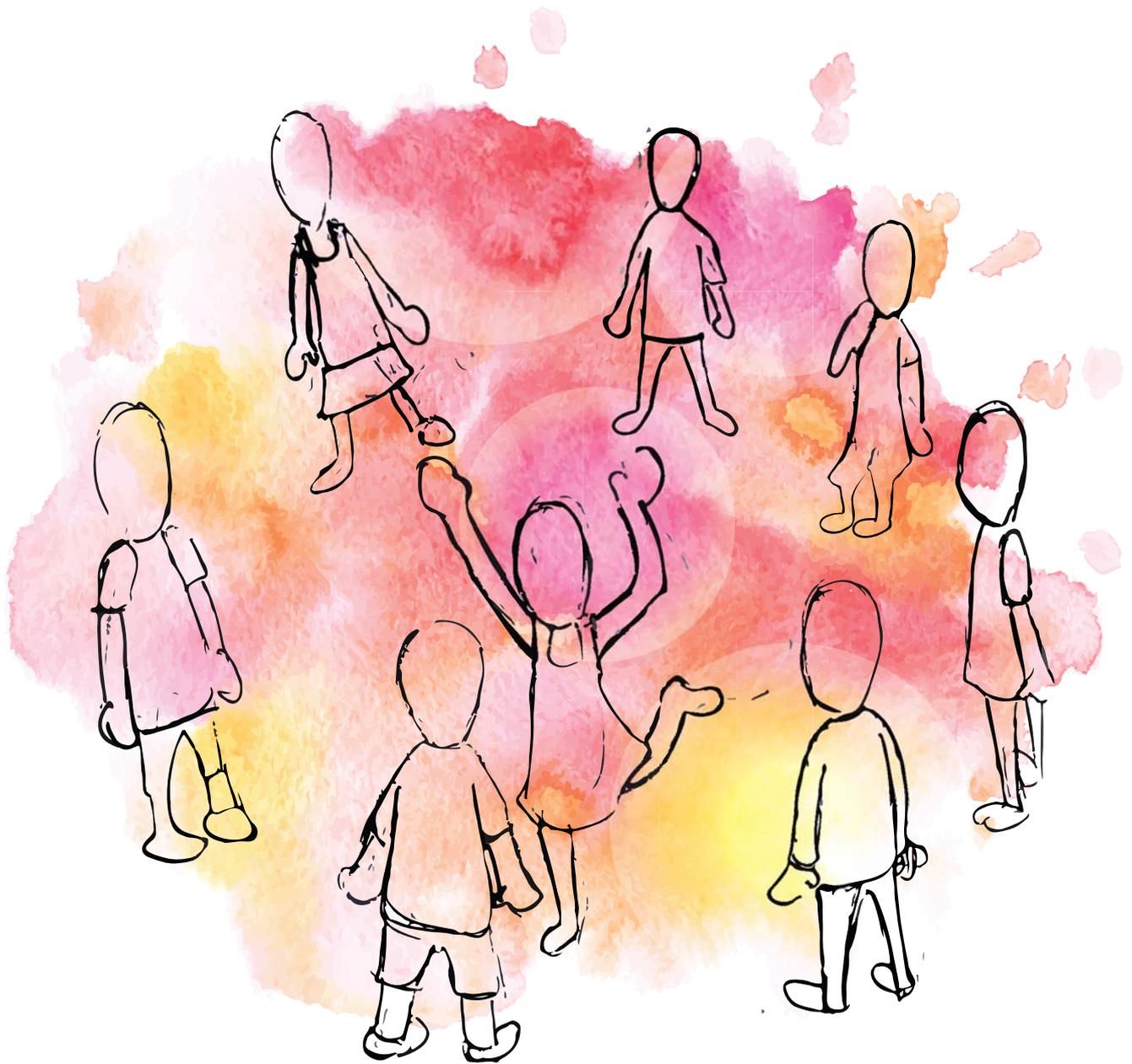


Ilustração: Anna Solano/SE

Acompanhe os meus pés

Origem: República Democrática do Congo

As crianças estão em um círculo. O líder canta e bate palmas. Ele para de cantar na frente de uma das crianças e realiza algum tipo de dança. Se a criança conseguir copiar os passos ela se torna o novo líder. Se não conseguir, o líder escolhe outra criança e repete a dança. Como variação, a troca também pode ocorrer caso a criança escolhida erre o passo.

Tricotando

Entrevista com Lydia Hortélio



mais
uma vez!

“A GENTE NASCEU PRA SER GENTE!”

Lydia Hortélio possui formação em Música: Piano, Educação Musical e Etnomusicologia. Estudos de pós-graduação no Brasil, Alemanha, Portugal e Suíça. Participou em vários projetos de educação e cursos de formação de professores.

Atua profissionalmente com Pesquisa e Documentação de Cultura da Criança, Música Tradicional da Infância, Cultura Popular, Educação através da Cultura. Também realiza oficinas, cursos, palestras, exposições, no Brasil e no Exterior, procurando difundir a Cultura da Criança e contribuir para a conscientização do valor da Infância, da graça e do poder do Ser-Humano-Ainda-Novo, buscando favorecer aos Meninos do Mundo o exercício de ser Criança!



Revista Brincar - Quais memórias você tem de sua infância?

Lydia Hortélio - Tive a sorte de crescer num quintal de 25 mangueiras, muito grande. Meu pai viajava muito e gostava de trazer as frutas que encontrava, assim a gente tinha no sertão da Bahia um quintal que tinha até nêspersas! Minha mãe não gostava de deixar a gente “brincar na casa dos outros”, por isso os meninos viviam lá em casa. Era

um quintal cobiçado. Brincávamos muito de picula⁶, de corda, cozinhado, passeávamos pelo quintal com sombrinha de folha de mamão e, à tardinha, tomava-se banho e ia-se para a porta brincar novamente. De roda, macaquinho, cinco pedrinhas... Sou capaz de me lembrar do som da pedrinha quando batia na outra na mão da gente. Eram dias completos. Hoje em dia falta pé no chão, espaço para correr, natureza. A gente brincava de tudo, então a cultura da

⁶ Picula é uma brincadeira semelhante ao pega-pega, sendo chamado na Bahia de Iorubá-Picula.



Foto: divulgação

criança se desenvolvia. A cultura da criança é a cultura da alma. Os meninos têm a alma em frente.

RB - O que despertou você a se interessar pela música da infância?

LH - Meu encontro com a música se deu desde tenra idade, através das cantigas de ninar e histórias cantadas que ouvia de minha mãe, dos brinquedos cantados, intensamente praticados entre as crianças de Serrinha daquele tempo, além dos romances e cantigas de samba que ouvia de meu pai, homem do Sertão, que batucava na mesa com a colher e dançava com muita alegria a qualquer hora do dia. Naturalmente veio juntar-se a minha experiência musical infantil o repertório da querida Filarmônica 30 de Junho, a Banda de Música de Serrinha, que animava nossas tardes de domingo no Coreto da Praça e acompanhava, infalivelmente, as festas religiosas e civis de nossa cidade. Composta atualmente de crianças e jovens, a centenária 30

de Junho continua muito atuante, mantendo uma escola de música e exercendo significativa ação cultural na região.

Através dos relatos da família, vim a saber que desde muito pequena gostava de cantar e, ainda me lembro, era atraída por toda manifestação musical e buscava expressão na música muito naturalmente, organizando Teatros e apresentações musicais com outras crianças. Comecei a ter aulas de piano ainda menina e posteriormente escolhi esse instrumento como centro de minha formação musical. Mais tarde me dediquei a estudos de Etnomusicologia e Educação Musical, na busca de compreensão dos fenômenos musicais do nosso povo e de uma Educação Musical fundada na Cultura Brasileira.

Tive influência ainda de Bartók⁷ e Kodály⁸. Até então eu me dedicava mais à música de trabalho e à música de culto. A partir dos brinquedos cantados descobri que existe uma cultura

⁷Béla Bartók é considerado um dos maiores compositores do século XX. Foi um dos fundadores da etnomusicologia e do estudo da antropologia e etnografia da música. Juntamente com seu amigo, o compositor Zoltán Kodály, percorreu cidades do interior da Hungria e Romênia, onde recolheu e anotou um grande número de canções de origem popular.

⁸Zoltán Kodály foi um compositor, etnomusicólogo, educador e pedagogo, linguista e filósofo da Hungria. Kodály foi um dos mais destacados músicos húngaros de todos os tempos.



Foto: Maurício Burim/SE - EPG Cassiano Ricardo

da criança. Na educação musical se pinça a cantiga para trabalhar com os meninos. Mas a cantiga, o brinquedo, é uma coisa múltipla. É um organismo vivo que, se você tira uma parte, deixa de funcionar. Um exemplo clássico é o nosso atirei o pau no gato, hino nacional dos meninos do Brasil. Ele tem um texto literário, que são as palavras, tem uma cantiga e uma movimentação daquele brinquedo. Quer dizer, tem palavra, tem música, tem movimento e tem o convívio das crianças. Depois que fiz essa descoberta, comecei a me esforçar para me lembrar dos brinquedos de minha infância. Quando me esquecia, escrevia para a minha irmã, para as minhas amigas. Assim, comecei a levantar a minha infância, a partir dos brinquedos que eram cantados.

RB - Que relação você estabelece entre a música e o brincar?

LH - Acho que a música tradicional da infância é a melhor forma de educação da sensibilidade. E ela deveria se iniciar nos braços da mãe, com uma canção de ninar. É nesse momento que a criança ouve as primeiras palavras da língua e se inicia na língua-mãe e na língua-mãe musical, através da cantiga. Assim é em

todas as culturas do mundo. É inestimável o valor do exercício espontâneo da música na infância, uma música em que a palavra, a cantiga, o movimento e o outro se interligam na alegria do brincar.

Os brinquedos de criança são fatos culturais no espaço/tempo, cuja linguagem de movimento se configura no silêncio ou é movida através do elemento “som”. Eu tenho constatado nos brinquedos, inclusive, a presença inequívoca das dimensões da música, formais e expressivas, mesmo quando o som não está presente, como no caso da amarelinha, no jogo de bolinha de gude, ou no brinquedo de papagaio, por exemplo. A estes brinquedos gosto de chamar brinquedos silentes, e brinquedos sonorosos àqueles cuja linguagem de movimento é acionada através de uma parlenda, uma cantilena ou uma cantiga, como no “uni duni tê”, “uma velha, muito velha”, “senhora Dona Sancha”, “três, três passará”, e em muitos e muitos outros.

RB - Como vê o papel do educador da infância hoje?

LH - O papel do pedagogo e do professor de música seria, justamente, não ser “pedagogo”,

tampouco “professor”! No meu entender, é preciso, antes de mais nada, gostar de música, de brincar, ter encantamento por menino, pela cultura da criança e conhecer um vasto repertório da música tradicional da infância, inclusive os brinquedos da cultura infantil contemporânea, tão expressiva, de linguagem de movimento altamente diferenciada.

É preciso descobrir novas formas de convívio, perspectivas de contato inteligente que resultem em verdadeiro encontro. Quem aprende, o quê, com quem, onde? A alegria é fundamental, imprescindível! Reconhecer-se criança, afirmar a vida, brincar. Esse seria o chão, o começo. E o resto?! Isso vem.

O espaço de natureza também precisa ser considerado. Vivemos uma artificialidade paralisante, nada sensível, tampouco inspiradora. Mas uma revolução está a caminho! Em breve nada poderá se manter se não partir do movimento de dentro. Dali partiremos, deixando que a criança nos tome pela mão e nos conduza. Muitos já buscam nessa direção, têm vislumbres, saudades do futuro. Talvez estejamos mais perto da alegria do que imaginamos!

É preciso levar nossas crianças para a natureza. Elas têm o poder de fazer a ligação, provocar o movimento necessário e restabelecer o ritmo. A alegria virá insinuar-se, o riozinho começará a correr. E, então, será natural cantar uma cantiga, mover-se com verdade, dizer uma palavra essencial. Isso pode vir do desenho de uma árvore, de um animal, da graça e do ritmo de uma formiguinha, do cheiro de uma folha, do azul do céu, da brisa que passa, do barulho do mar.

É preciso que o professor tenha consciência de que existe uma cultura da criança, conheça o repertório da música tradicional da infância, os brinquedos cantados e os brin-

quedos ritmados da cultura infantil contemporânea, um conhecimento com o corpo, de variadíssima linguagem de movimento, muito ao gosto dos meninos, que nos oferecem, inclusive, a oportunidade de aprender com eles e estabelecer o vínculo necessário a uma experiência na interligação.

Da parte do professor é muito importante ainda desenvolver o hábito da observação constante, de uma reflexão continuada, no intuito de acompanhar e perceber em profundidade toda a multiplicidade e riqueza, a dinâmica particular e a didática própria da cultura da criança. Assim chegaremos cada vez mais perto da mudança, da revolução que falta, da Alegria!

RB - Deve-se brincar para aprender?

LH - Deve-se brincar para ser feliz. Se você quiser brincar para aprender já não é mais brinquedo. Porque o brinquedo tem um fim nele mesmo. Bola para quê? Para brincar de bola. Você brinca de peteca para quê? Para brincar de peteca, para passar pela experiência múltipla e extraordinária que é brincar de peteca. E por que brincar de roda? Porque é uma maravilha: mão na mão, esquecer quem é você, embarcar no sonho daquela hora... Brincar é isso aí. Mas há quem queira transformar o brinquedo num “brinquedo pedagógico”... Existem tentativas nesse sentido, mas não dá, porque há uma incongruência. Mas isso não significa que as crianças não estejam aprendendo ao brincar... Aí é que está. Estão aprendendo, e muito mais do que a gente consegue ver. O brinquedo é múltiplo. Ele mexe na alma. Na hora em que a gente compreende isso, não há mais o medo de dizer que se está brincando. Criou-se até uma antipatia ao brinquedo: “Menino, você já tá grande demais pra brincar disso”. Como se, a partir de certa idade,

só se pudesse pensar... Só se aprende liberdade brincando. Brincar é o maior exercício de liberdade que a gente pode ter.

RB - Qual é a importância de preservar a infância?

LH - A infância é algo precioso. Eu acho que, se a humanidade tem futuro, ela vai retomar por aí, pela infância. E isso não é impossível, nem difícil, porque a infância está guardada dentro de cada um. Eu acho que a grande revolução está aí. Fico muito feliz de ver que o Brasil tem tudo para isso, tem muita cultura popular ainda. A cultura popular é uma segunda infância. Um alemão extraordinário, Friedrich Schiller⁸, diz que o homem só é inteiro quando brinca, e é somente quando brinca que ele existe na completa acepção da palavra homem. O brincar é algo espiritual. E não estou falando de religião, não. Não é nada disso. É algo ainda mais profundo, que tem a ver com a alma do homem. Nós brasileiros brincamos de um jeito diferente? Acho que a relação com a brincadeira é comum a todos os povos. Eu sinto e vejo nas minhas observações que o ser humano ainda novo tem necessidades de crescimento, e que os brinquedos são a manifestação, a configuração dessas necessidades. A essas configurações eu chamo de cultura da criança. Por isso, é preocupante as crianças não estarem brincando. Seria ótimo se a gente tivesse uma documentação de tudo o que todos os meninos do mundo brincaram, porque aí teríamos uma imagem perfeita do que é o ser humano.

Desde que se criou a televisão, foi sendo desmontado paulatinamente o convívio das crianças entre si. Às vezes até há esse convívio, mas é na frente da televisão. Não existe um intercurso de criança com criança. Isso foi desmanchado, apagado. Ainda é nas escolas, de certa forma,

e no curto espaço de tempo do recreio, que elas brincam um pouquinho entre si. As meninas, com seus brinquedos de mão, mais do que os meninos. Mas o vasto repertório da cultura da infância no Brasil está encoberto, esquecido. Então, o meu trabalho, o meu interesse, a minha alegria é ir atrás dessas coisas.

RB - É preciso uma volta aos quintais?

LH - Sim, os meninos que moram nos apartamentos nem ao playground vão, pois, de resto, são tão pouco interessantes para as crianças. Hoje em dia elas ficam diante do computador a maior parte do tempo vendo aquelas animações estrangeiras, em que tudo é remetido aos olhos e à mente, às mesmas sensações planejadas por adultos que esqueceram a infância, não experimentam seu corpo e estão longe de viver o intercurso alegre e natural com seus pares. Por isso, é necessário que venhamos a descobrir como fazer justiça às crianças, tirando-as dos condicionamentos em que vieram a cair, buscando oferecer-lhes alternativas de convívio com outras crianças na natureza. É uma questão inclusive de políticas públicas. É preciso trabalhar por uma conscientização ampla do significado e da importância do espaço de natureza para a vida da criança e o futuro do mundo.

RB - Você ainda brinca espontaneamente ou só profissionalmente?

LH - Brinco, brinco, sim. Porque isso traz alegria, traz saúde. Não que eu esteja brincando por aí de "atirei o pau no gato". Você pode imaginar que eu já estou há muito tempo em cima deste mundo. Tenho 84 anos! Então, a carga de mundo é imensa. É uma conquista ainda conseguir brincar, porque foi muita escola, muita universidade. A espontaneidade diminui, e é essa a força que a criança tem. Mas eu vou lhe dizer: a vida está aí para a gente reconquistar, e eu estou aí pra isso.

<www.mapadobrinca.folha.com.br>

⁸Friedrich Schiller, foi um poeta, filósofo, médico e historiador alemão. Schiller foi um dos grandes homens de letras da Alemanha do século XVIII, e juntamente com Goethe, Wieland e Herder é representante do Romantismo alemão e do Classicismo de Weimar.



Foto: divulgação

PUBLICAÇÕES

Uma experiência em Educação, em coautoria, relato sobre um trabalho com crianças do Nordeste de Amaralina, bairro da periferia de Salvador, onde foi desenvolvida uma ação pedagógica fundada na cultura da criança. Salvador/BA, 1982.

História de uma manhã... Relato fotográfico de um acontecimento com crianças na natureza, onde nos é dado ver a importância da natureza para a vida da criança, o desvelar-se de dimensões muito profundas, de talentos encobertos, de toda a graça do ser-humano-ainda-novo. Salvador/BA. 1987.

O Presépio ou o Baile de Deus Menino: um Natal brasileiro, relato de uma experiência ocorrida em escolas públicas do entorno de Salvador, proposta de reconstrução de um fato cultural do Sertão da Bahia. Uma documentação em imagem e som, contendo textos, fotos, desenhos das Crianças, além da ação e representação de um terno de Pastores e Pastorinhas que vêm louvar o Menino na lapinha de Belém, cuja música está reproduzida no CD que acompanha a publicação. Salvador/BA, 2012.

REALIZAÇÃO DOS CDS

Abra a Roda, tin do lê lê..., disco documental e de recriação de Música Tradicional da Infância de várias regiões do Brasil, pensado, justamente, para servir como instrumento de relembração e retomada das práticas musicais da Infância em nosso País.

Ô, Bela Alice..., disco documental e de recriação de Música Tradicional da Infância que contempla o repertório de uma Menina nascida em Serrinha, Sertão da Bahia, em 1906, cujo disco foi agraciado com o Troféu Caymmi/2009, e faz parte de uma pesquisa mais ampla que levantou 100 anos de Música Tradicional da Infância no Município de Serrinha/BA.

Céu, Terra, 51 Cada Vez sai um... Brinquedos dos meninos de Serrinha, hoje, CD documental e de recriação do que cantam os meninos do município de Serrinha atualmente.

PARTICIPAÇÃO NA REALIZAÇÃO DOS DVDS

"A Criança com vida", documentário sobre uma experiência em Educação com



Foto: divulgação

crianças de escolas públicas no subúrbio ferroviário de Salvador/BA, sob a direção de Maria Eugênia Millet - Escola de Teatro/UFBA (Universidade Federal da Bahia).

“O Quintal das Crianças”, documentário sobre a ação Criança/Brinquedo/Natureza, que vem sendo desenvolvida em vários projetos de Educação e Cultura.

“Memórias do Futuro: olhares da Infância Brasileira”, dirigido por Lia Matos e Alexandre Basso, realização do Espaço Imaginário, em Campo Grande/MS, patrocínio do Ministério da Cultura (MinC).

No momento está finalizando o CD *“Céu, Terra, 51!”* que contempla o repertório dos brinquedos das crianças de Serrinha, hoje,

e que faz parte do projeto de pesquisa intitulado *“100 anos de Música Tradicional da Infância”*, em um Município do Sertão da Bahia.

ENTREVISTAS NOS FILMES

“Tarja Branca- a revolução que faltava”, documentário sobre o fenômeno lúdico, dirigido por Cacau Rhoden, produção de Maria Farinha Filmes/SP, 2013, patrocínio do Instituto Alana.

“Mitã - uma poética da Infância”, dirigido por Lia Mattos e Alexandre Basso, realização do Espaço Imaginário, em Florianópolis/SC, patrocínio da FUNDAC/Fundação Nacional de Cultura, 2013.



A CASA DAS 5 PEDRINHAS

Criada pela pesquisadora Lydia Hortélio há mais de cinquenta anos:

É uma casa,

Cujas paredes serão o ar e a luz.

O teto, o infinito...

Plantada no chão do mundo

E molhada com o orvalho

De todas as manhãs.

É um lugar de BRINQUEDO,

de vivência, reflexões e irradiação da

CULTURA DA CRIANÇA –

aqui entendida como as experiências,

as descobertas,

o FAZER DAS CRIANÇAS

entre elas mesmas, buscando a si e ao outro em interação

com o mundo, ou seja: toda a multiplicidade e riqueza dos

BRINQUEDOS DE CRIANÇA.

A CASA DAS 5 PEDRINHAS...

Busca uma compreensão da CRIANÇA a

partir de seu próprio movimento –

o BRINCAR, e quer contribuir para a conscientização do

valor da INFÂNCIA e da necessidade de favorecermos o

EXERCÍCIO DE SER CRIANÇA.

Com representações nos estados da Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Santa Catarina, a *Casa das 5 Pedrinhas* realiza: Encontros para *Brincar, Pesquisa e documentação de Cultura da Criança*, estudos, oficinas, cursos, palestras, exposições, consultoria, projetos, produção de discos, vídeos, livros e intercâmbio.

Para saber mais...

www.casadas5pedrinhas.com.br

www.facebook.com/casadascincopedrinhas/

Criando e transformando



EPG MISSIONÁRIA UNDINA CAPELLARI NUNES: ABRIMOS AS PORTAS PARA A AUTONOMIA, DIVERSÃO, INTERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DAS NOSSAS CRIANÇAS!

**Aída Santiago da Silva
Geralda Maria dos Santos
Kamila Cesar Ferreira
Karen B. de Carvalho Camarneiro
Rosângela Aparecida Molina
Silvana Maria Soares de Miranda**

Há pouco mais de dois anos, algumas professoras da EPG Missionária Undina Capellari Nunes passaram a observar e questionar a exploração dos espaços da escola pelas crianças, inquietando-se com o fato do pouco uso e da estreita interação entre os educandos das diferentes turmas atendidas nesta Unidade Escolar. Com horários determinados no cronograma de nossa rotina, as crianças apenas se cruzavam nos corredores durante as trocas de espaços.

Mesmo os pequenos do Berçário I e do Berçário II saindo com maior frequência de suas salas para explorar o espaço externo, ainda causava receio entre os adultos a possibilidade de ocorrerem conflitos e acidentes ao juntarem as turmas. Considerando que muitas crianças da Educação Infantil estão experimentando pela primeira vez um espaço diferente e ainda desconhecido - a "escola" - nessa etapa é imprescindível um ambiente acolhedor e



EPG Missionária Undina Capellari Nunes
Foto: Maurício Burim/SE

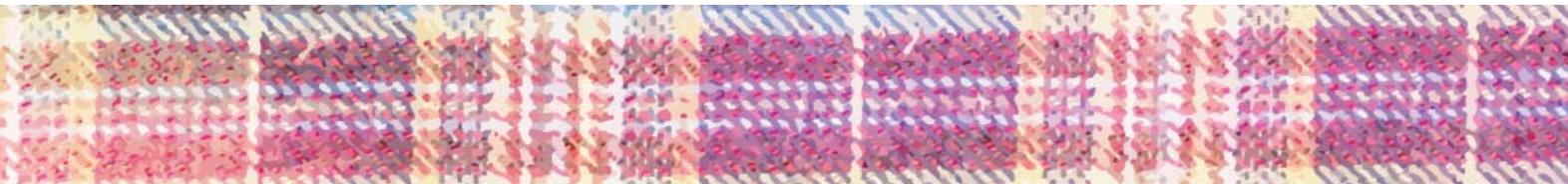
desafiador que tenha por objetivo produzir conhecimento e aprendizagem por meio de vivências lúdicas. Isso evidencia a importância de, além da sala de aula se caracterizar por um ambiente criativo e transformador, serem explorados outros ambientes, especialmente os externos, ampliando as possibilidades de aprendizagem.

Em 2014, as professoras Aída, Geralda e Kamila, do Berçário I, realizaram uma experiência com cantinhos no parque. No início, como as crianças eram muito pequenas, não era possível brincar nos brinquedos por não atenderem à necessidade de todos, mas não poderíamos deixar de explorar esse espaço amplo e atrativo. Optamos por colocar alguns brinquedos na grama em diferentes cantos, para despertar o interesse em aprender a brincar e também desenvolver uma boa interação com o grupo. Brincar com cantinhos no parque é um recurso pedagógico que proporciona momentos em que, a cada dia, a criança amplia a autonomia nas escolhas, reflete so-

bre o fazer, organiza e desorganiza, constrói e reconstrói, cresce nos aspectos culturais e sociais como integrante de uma sociedade. Acreditamos que, por meio dos cantos, as crianças desenvolverão suas potencialidades. Segundo Sonia Kramer (1998), a utilização dos cantinhos é de fundamental importância para o desenvolvimento da criança, pois terão a oportunidade de frequentar ambientes propícios para se desenvolverem de maneira lúdica e prazerosa.

No primeiro momento não foi fácil, optamos por criar somente um canto em diferentes lugares no parque, e foi necessário que mostrássemos para as crianças as possibilidades, sentando e interagindo nas brincadeiras, não para transmitir uma forma única de brincar, mas para que as crianças não tivessem receio em avançar em suas potencialidades e imaginação, até se apropriarem e criarem seu próprio jeito de brincar.

Nossas atividades eram planejadas e realizadas uma vez por semana, com tempo



estimado de 30 minutos, conforme cronograma escolar. Certo dia ficamos empolgadas nas brincadeiras, ultrapassamos o nosso horário e realizamos uma integração com as turmas A e B do Estágio I. Foi maravilhoso! A princípio pensamos que seria somente aquele dia, mas para a nossa felicidade essa integração permanece até hoje a pedido das crianças. Naquela manhã os alunos foram chegando e fizeram a seguinte pergunta: “Tia, por que você traz esses brinquedos para o parque? É muito estranho, mas é legal, porque só assim nós não ficamos esperando para brincar”.

Partindo desse ponto, nós, professoras, durante esse momento fomos observando e analisando os aspectos positivos, como também os negativos. Percebemos que eles realizaram diferentes trocas, não correram, apreciaram o parque de forma diferente; outros, por sua vez, necessitaram de uma mediação, no sentido de favorecer a solidariedade entre o grupo.

Daquele dia em diante, a professora Aída passou a observar como todas as outras turmas brincavam no parque, percebendo as crianças que ficavam “ociosas”, como também as que não aceitavam aguardar a sua vez para utilizar os brinquedos do *playground*. E, realmente, constatou que é muito “chato” ficar esperando a vez para descer no escorregador, balançar e até mesmo brincar na gangorra. Sendo assim, em diálogo com as professoras do Berçário I e dos Estágios I-A e I-B, percebemos que tínhamos que fazer algo para mudar esse momento tão esperado por todos, que é o dia de brincar no parque. Dessa forma, começamos organizar, uma vez por semana, a integração en-

tre as duas salas dos estágios e creche.

Quando terminava cada integração, tínhamos algo de bom para relatar, pois as crianças realizavam diferentes aprendizagens significativas para a faixa etária quando brincavam nos cantinhos fazendo comidas com panelinhas, kit de ferramentas, bonecas, carrinhos etc. Contudo, os cantinhos que organizamos no parque têm como objetivo estimular e compreender a importância da atividade lúdica para as crianças. Em toda integração sempre respeitamos a Voz e a Vez das crianças quando fazemos assembleias para elencarmos os brinquedos a serem colocados nos cantinhos do parque.

Esse movimento inquietou a professora Aída que, no ano seguinte (2015), conversando novamente com as professoras Karen e Rosângela do Estágio II, juntou ideias e questionamentos a respeito da importância do brincar e da interação entre as crianças de diferentes idades. Lembrando o que nos diz o Quadro de Saberes Necessários (QSN), a perspectiva da educação infantil, na rede municipal de Guarulhos, propõe romper com as práticas cristalizadas de “escolarização” da infância, de forma a respeitar o tempo próprio do desenvolvimento da criança, num movimento de superação das formas de agir e pensar que privilegiam apenas o elemento cognitivo na educação” (SME, 2009, p. 27).

Com isso, fomos à busca de experiências positivas de escolas que já realizam atividades de interação entre as crianças e priorizam o Brincar como linguagem e direito fundamental da infância.



PORTAS ABERTAS FAZENDO MINHAS ESCOLHAS

Entre relatos e vídeos encontrados na internet, há uma escola, EMEI General Miguel Costa – DRE PENHA – PMSP (para conhecer mais acesse o blog da escola: <http://emeimiguelcosta.blogspot.com.br/>), na Rede Municipal de São Paulo, na qual uma de nossas professoras - Rosângela - também atua, onde é desenvolvido o projeto Brincando Juntos e Misturados. Cada professor é responsável por criar e organizar um espaço para desenvolver atividades que, além de promoverem diferentes possibilidades de aprendizagem, favorecem a autonomia, já que todas as crianças podem escolher e trocar de espaço de acordo com seu interesse, fazendo com que as crianças de 3 a 6 anos tenham a oportunidade de brincar “juntas e misturadas”.

Convidadas a participar de um dia de atividades nessa escola, a professora Karen foi conhecer de perto o projeto. Depois disso, iniciou-se na EPG Undina Capellari o projeto Portas Abertas. Nas primeiras experiências, abrimos apenas uma sala de aula, com o parque já utilizado como “canto”. Nesta sala, três opções de atividades: brincadeiras com blocos de encaixe, massinha e pintura com diferentes opções de riscantes (giz de cera, lápis de cor e canetinhas), e as crianças das turmas do Estágio II podiam escolher onde queriam estar. Realizamos, previamente, reuniões de equipes, relembrando combinados de utilização dos espaços e buscando respostas das crianças de como evitar acidentes. Ao propiciar autonomia e atividades diversificadas, equiparamos oportunidades para todos os educandos, considerando suas especificidades e trajetórias. Isso se torna muito importante quando objetivamos uma aprendizagem que abranja a todos, pois eles

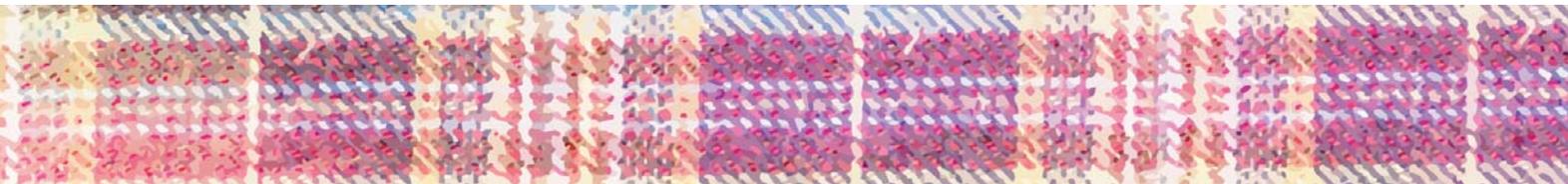
sempre encontrarão sua área de interesse (ou necessidade) contemplada em alguma atividade, contribuindo para uma prática inclusiva e de equidade social.

Ao circular pela escola com os educandos, os professores das outras turmas, inclusive as professoras do Berçário II, ficaram entusiasmadas com as possibilidades de interação e, pouco a pouco, o clima de brincadeira, a autonomia das escolhas, a exploração dos espaços e a interação entre as crianças de diferentes idades vêm tomando conta da nossa escola. Em 2015, apresentamos um Conversando Sobre com a temática do Brincar na 6ª Mostra da Educação Municipal; nos dias da atividade do Dia da Família na Escola contamos com a comunidade para brincar. Nas reuniões de pais conversamos muito sobre a importância do lúdico e da brincadeira na Educação Infantil, sempre apoiados pelos documentos oficiais da Rede e, principalmente, pelo nosso Projeto Político-Pedagógico (PPP), que define o Brincar como a essência e a base da metodologia do trabalho de nossa escola, como citado na dimensão Metodologia de Ensino da nossa Programação:

Como princípio fundamental da aprendizagem em nossa escola, usamos o “Brincar”. Considerando que a infância abrange a faixa etária de todos os educandos desta UE, respeitadas as especificidades e os tempos de vida e considerando que, por meio do Brincar, a criança experimenta, estabelece relação, faz sua leitura de mundo e do sistema de relação presente neste, parece-nos fundante utilizar essa importante ferramenta a favor da aprendizagem significativa.



Fotos: acervo da EPG Missionária Undina Capellari Nunes



Desde o segundo semestre de 2015, observamos uma nova dinâmica da nossa escola. Há dias que, no seu interior, paira um profundo silêncio, pois quase todas as salas estão na área externa brincando. É comum encontrarmos brinquedos diversos, materiais não estruturados, crianças do Berçário, Maternal e Estágios brincando juntas e sem qualquer incidente ou acidente. Os “maiores” respeitam muito os “pequenos”, auxiliando-os nas brincadeiras e até na locomoção. Querem cuidar uns dos outros.

Em alguns momentos foi necessário realizar uma pequena assembleia, com as crianças de diferentes idades, complementando nossas tradicionais “reuniões de equipe”, que, além de outros objetivos, oportuniza a reflexão e a discussão sobre possíveis problemas que possam ocorrer durante as atividades. Nesses momentos, as crianças são convidadas a dialogar na construção dos combinados para uso dos espaços. Chegam a impressionar a clareza, a compreensão e a exposição das ideias das crianças nesse momento.

Outro ponto marcante de toda essa mudança em nossa rotina foi observado na 4ª Semana Mundial do Brincar de Guarulhos, na qual o projeto Portas Abertas atingiu a totalidade de participação das turmas da manhã. Todas as salas foram organizadas com diferentes brincadeiras, brinquedos ou propostas de atividades de artes como dança, música, pinturas, entre outras. Por um período de aproximadamente 1h30min, todas as crianças andaram pelas salas e escolheram de qual atividade participar. Para as crianças menores (Berçários I e II), sempre uma professora da turma

acompanhava e apresentava os espaços; contavam, ainda, com a colaboração das crianças dos Estágios II e 1º ano que já as conheciam de outras brincadeiras!

Assim, a criança, quando brinca, representa o mundo por meio de situações criadas nas atividades das brincadeiras. Tal reprodução não se faz passivamente, mas mediante um processo ativo de reinterpretação do mundo, que abre lugar para a invenção de novos significados, saberes e práticas. Portanto, concordamos com Vygotsky quando afirma que o brincar é um importante processo psicológico de aprendizagem e desenvolvimento. “Nessa perspectiva, a brincadeira deve ser incorporada e priorizada no desenvolvimento de toda proposta educacional dirigida a esta faixa etária” (QSN 2009, p. 27).

Abrir as portas da sala, seja para explorar e vivenciar experiências das próprias turmas, seja para viabilizar a interação com outras, passa de uma inquietude para a pesquisa e da pesquisa para as mudanças efetivas da prática pedagógica. Pelo movimento dialético ação-reflexão-ação, pouco a pouco repensamos nossa concepção de educação para a infância e nossa prática pedagógica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KRAMER, Sonia. Com a pré-escola nas mãos: uma alternativa curricular para a educação infantil. São Paulo: Ática, 1998.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE GUARULHOS. Proposta Curricular – Quadro de Saberes Necessários. Guarulhos: SME, 2009.
- EPG MISS. UNDINA CAPELLARI NUNES. Projeto Político Pedagógico - Programação. Guarulhos, 2015.



*Bola de Meia,
Bola de Gude*

Composição: Fernando Brant / Milton Nascimento

Há um menino
Há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança
Ele vem pra me dar a mão
Há um passado no meu presente
Um sol bem quente lá no meu quintal
Toda vez que a bruxa me assombra
O menino me dá a mão
E me fala de coisas bonitas
Que eu acredito
Que não deixarão de existir
Amizade, palavra, respeito
Caráter, bondade alegria e amor
Pois não posso, Não devo, Não quero
Viver como toda essa gente
Insiste em viver
E não posso aceitar sossegado
Qualquer sacanagem ser coisa normal
Bola de meia, bola de gude
O solidário não quer solidão
Toda vez que a tristeza me alcança
O menino me dá a mão
Há um menino
Há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto fraqueja
Ele vem pra me dar a mão

Há um menino
Há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança
Ele vem pra me dar a mão
Há um passado no meu presente
Um sol bem quente lá no meu quintal
Toda vez que a bruxa me assombra
O menino me dá a mão
E me fala de coisas bonitas
Que eu acredito
Que não deixarão de existir
Amizade, palavra, respeito
Caráter, bondade alegria e amor
Pois não posso, Não devo, Não quero
Viver como toda essa gente
Insiste em viver
E não posso aceitar sossegado
Qualquer sacanagem ser coisa normal
Bola de meia, bola de gude
O solidário não quer solidão
Toda vez que a tristeza me alcança
O menino me dá a mão
Há um menino
Há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto fraqueja
Ele vem pra me dar a mão

A voz e a vez da Criança



Ruan, 5 anos - EPG Svaa Evans



O MUSEU VIRTUAL DO DESENHO DA CRIANÇA

Sérgio Andrejauskas Ferreira da Silva
Betania Libanio Dantas de Araujo

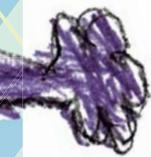
Sérgio Andrejauskas Ferreira da Silva é professor de artes e Coordenador de Programas Educacionais no Departamento de Orientações Educacionais e Pedagógicas da SME.

O projeto Museu Virtual do Desenho da Criança é fruto da parceria entre a Divisão Técnica de Arte-Educação do Departamento de Orientações Educacionais e Pedagógicas (DOEP) da Secretaria Municipal de Educação (SME) e a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). A iniciativa tem o objetivo de estudar e documentar os desenhos das crianças da Rede Municipal por meio de pesquisas que pretendem construir uma iconografia dessa linguagem produzida pelos pequenos. O site está disponível de forma totalmente *online* para consulta de diversos materiais, entre textos, vídeos e, principalmente, muitas produções gráficas dos educandos da Rede Municipal de Educação de Guarulhos.



Betania Libanio Dantas de Araujo é professora doutora do Departamento de Educação na Universidade Federal de São Paulo - campus Guarulhos.

Nossa ação é proporcionar estudos sobre o desenho da criança e oferecer um espaço virtual para organização da pesquisa. Semestralmente realizamos encontros de estudos para pesquisar teóricos que problematizam as linguagens e expressões das crianças, e, com base nesse estudo, os professores da Rede Municipal de Educação de Guarulhos realizam coletas de desenhos com as suas turmas. Nesse momento, os professores observam

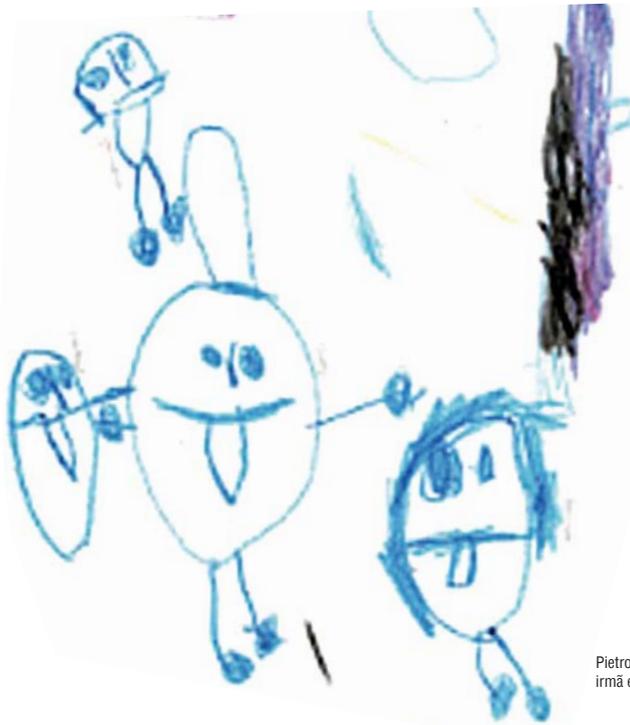


o modo como a criança desenha, age e fala durante o seu registro e, por meio de conversas, procuram conhecer melhor sua história. O material coletado, produzido e estudado é socializado virtualmente, pois, dessa forma, os desenhos das crianças passam a fazer parte de um acervo virtual, sendo possível ser visualizado por qualquer pessoa do mundo. Outro objetivo é dar visibilidade ao trabalho dos alunos da UNIFESP e dos professores envolvidos no processo, pois permite o acesso de todos os interessados pelo tema.

O Museu Virtual do Desenho da Criança surgiu por observarmos a ausência de um museu que documentasse essa arte da criança no Brasil. Mesmo havendo pesquisas, livros e material de qualidade sobre o estudo do desenho infantil, intencionávamos um lugar que organizasse, documentasse o assunto, ou seja, faltavam registros da pesquisa dos professores em relação ao desenho da criança, sendo este reconhecido como registro de sua fala.

No ano de 2011 a UNIFESP iniciou, no curso de Pedagogia, a prática pedagógica programada sobre o museu do desenho da criança, ministrada pela professora Betania Libanio Dantas de Araujo. Estabeleceu-se uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Guarulhos sobre a proposta.

No ano de 2015, a Secretaria de Educação organizou e inaugurou o Museu Virtual do Desenho da Criança, hospedado no sítio eletrônico da Prefeitura, aliado ao curso ministrado aos educadores da Rede, seguindo o seu projeto de Formação Permanente, e a estudantes da UNIFESP. O curso passou a ser semestral, com encontros presenciais e atividades externas, como a coleta de desenhos das crianças e estudos bibliográficos.



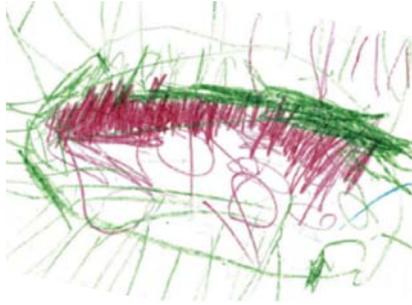
Pietro, 4 anos- Pai, mãe, irmã e o saci

O IMPACTO DO DESENHO NO TRABALHO DO PROFESSOR E NA EDUCAÇÃO DOS ALUNOS

Os professores e estudantes relatam que o desenho não está no currículo do magistério e de muitos cursos de Pedagogia.

A preparação para a coleta exige audição, respeito à maneira de representar, estudo para fundamentar a coleta, liberdade temática ou tema sem indução de procedimento. É uma descoberta preparar-se para ouvir as histórias pelas crianças, pois, como explica Ana Angélica Albano (2013, p.42) em seu livro *O espaço do desenho: a educação do educador*, “[...] a criança nesta fase se diverte criando personagens e situações diferentes, construindo histórias[...]”. Elas percebem a alegria. Algumas crianças sorriem pela primeira vez e as mais silenciosas querem falar de alguma maneira. Percebendo que a arte e o desenho são conhecimentos que foram ocultados do currículo, os professores reafirmam que a sua presença redimensiona a relação entre pares.

A percepção dos professores durante o curso possibilita uma compreensão diferenciada do que se percebia até então, promove ainda mais a necessidade de estudarmos e nos aprofundarmos, com um olhar cuidadoso,



Isabely, 3 anos- Uma enorme baleia

nos registros dos pequenos. Se, por um lado, a criança, em certo momento, já cria suas histórias, fantasia, imagina e, por meio de seu desenho, manifesta suas ideias, por outro, é comum percebermos nos menores que, ao desenhar, o corpo se envolve, pois nesse momento os sons e os movimentos de todo o corpo se juntam na produção e em suas múltiplas linguagens.

Sendo assim, o que aparenta ser simples brincadeira, ou simples rabiscos para o adulto, apresenta uma complexidade toda na criação, no desenvolvimento e no aprendizado da criança. Desde as garatujas, o contato com os materiais, a apropriação de formas, os gestos, a imaginação, tudo envolve um mundo muito maior do que podemos estar acostumados a observar. Através das pesquisas dos professores, percebemos que a teoria desenvolvida por alguns pesquisadores se aproxima e ganha sentido com a nossa mediação.

O Museu Virtual do Desenho da Criança se torna um elemento importante para nós, dadas essas questões, pois o conhecimento dos motivos de pararmos de desenhar, a importância do desenho para o desenvolvimento da criança — como elemento importante à sua criação, comunicação, conhecimento de mundo e imaginação — e todas as questões diante das quais nos deparamos ao observar as linhas nos fazem acreditar que estamos em um caminho certo. Dessa forma, a voz da criança pode ser ouvida com mais cuidado, valorizada e, sendo assim, permitindo pensar em uma aprendizagem que proporcione uma formação mais integral para um adulto que, por vezes, se esqueceu da magia da criança, do encantamento do desenho.

Nossa proposta, então, é encontrar cada vez mais pessoas interessadas nessa pesquisa, buscando parceiros, pesquisadores, estudantes e, o primordial, o nosso próprio elo com o desenho, pois todos desenhamos, mas perceber sua importância necessita de encorajamento, resiliência, estudo, pesquisa e, por que não dizer, carinho pelos riscos, rabiscos, formas e histórias que elas têm para nos contar.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALBANO, Ana Angélica. O espaço do desenho: a educação do educador. 16. ed. São Paulo: Loyola, 2013.



Amanda, 10 anos- Mundo divertido, diferente, sem tecnologia

Texto originalmente publicado no Boletim Arte na Escola • Edição #80 • Abril / Maio / Junho 2016, disponível em: <<http://artenaescola.org.br/boletim>>.



Em tempo



PROJETO BRINQUEDO CANTADO

Mônica Pinheiro



O projeto Brinquedo Cantado começou em sala de aula, onde eu, educadora, sempre trabalhei com o violão e com a música, baseada no pressuposto da relação importante que se dá entre a música, entendida como prática e vivência, e o desenvolvimento da criança.

É sabido que nos primeiros anos de vida a criança constrói sua identidade. E por que não construir uma identidade cultural focando as tradições, os valores e toda a riqueza que nosso país possui em brincadeiras cantadas?

Brincando a criança constrói seu conhecimento e brincar cantando fica mais prazeroso ainda. Foram meus pequenos alunos que me estimularam a pesquisar o rico acervo cultural de canções regionais brasileiras e que muitos brasileiros desconhecem. Nas festas juninas meus alunos sempre apresentaram danças típicas do nosso país como: catira, dança do coco, dança da fita, maracatu e outras e isso fazia a diferença e encantava os pais.



Conheci o arte-educador e músico **Gesiel de Oliveira**, que realizava um trabalho semelhante com as crianças. Ele viajava por algumas regiões do Brasil ao som da viola, gaita, bumbo, cariola, executando ao mesmo tempo todos os instrumentos e brincando com as canções do nosso rico cancionário e enfatizando a cultura indígena. Propus então a Gesiel que juntássemos nossas habilidades artísticas e fizéssemos um projeto que teria como produto a gravação de um CD, para enriquecer o acervo de músicas infantis nas escolas, com o objetivo de inserir brincadeiras cantadas de qualidade para o educador trabalhar com a criança e a comunidade.



Imagem: divulgação

Assim nasceu o grupo Brinquedo Cantado, composto por mim e por Gesiel. Nossa meta maior é divulgar e levar aos educadores, crianças e pais as cantigas de roda que fazem parte da construção da nossa cultura popular brasileira.

Precisamos valorizar nossas crenças, valores e nosso rico folclore, que não se limita apenas ao saci pererê, curupira e outros, mas abrange tudo o que o povo traz consigo e que vai passando de geração para geração. A geração atual também tem o direito de adentrar a nossa rica cultura popular brasileira, transformando-a, e não ser manipulada pela mídia.

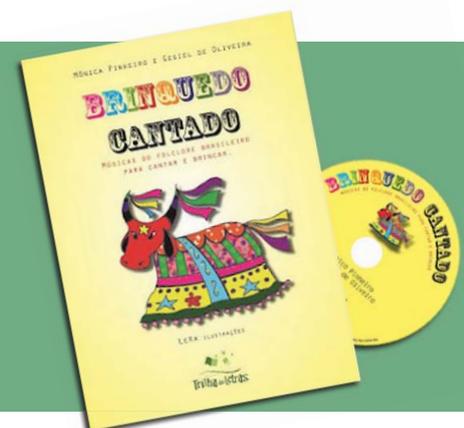
O Brinquedo Cantado preocupa-se também com sentimentos, trabalha nas brincadeiras cantadas a afetividade e o toque, para que as pessoas percebam umas às outras e respeitem as diferenças. Se não posso dobrar o papel com as mãos, posso dobrá-lo com os pés! Buscamos também interagir com todo o público-alvo e

sua diversidade. Todas as canções são executadas através de uma brincadeira, seguidas de um convite para quem quiser participar, trabalhando, assim, corpo e movimento, ampliando o vocabulário, estimulando a criatividade e construindo uma identidade brasileira.

Precisamos urgente formar cidadãos mais ativos, inovadores, criativos, sem medo de ousar. O Brinquedo Cantado convida todos para adentrar os brinquedos cantados brasileiros, permitindo emergir a criança que mora dentro de cada um de nós.

*Livro Brinquedo Cantado
(acompanha CD): Músicas
do folclore brasileiro para
cantar e brincar*

*Autores: Mônica Pinheiro
e Gesiel de Oliveira
Ilustradora: Leka
Editora: Trilha das Letras*



Programa Mesa Educadora



MESA EDUCADORA: PAREDE MUSICAL EPG JOÃO BALBINO FILHO

Necessidade, sonho, planejamento, projeção, realidade, desejo, vontade, por que não coragem? São fatores primordiais para constituição de qualquer projeto seja de cunho pessoal, profissional ou institucional.

Na Mesa Educadora para Primeira Infância, o projeto possui caráter institucional, cuja intencionalidade é promover o trabalho do grupo escolar a fim de criar e/ou reformar um espaço de uso coletivo da escola, almejando a formação nos aspectos físico, afetivo, cognitivo, ético, estético, social e cultural das crianças e de todos no âmbito escolar. São nesses Projetos Institucionais que percebemos as práticas da Mesa Educadora sendo levadas para as unidades escolares. Os educadores são provocados a recriar ambientes, transformar espaços, alguns deles, antes sem utilização, esquecidos pelo tempo, ganham cores e vida, pela necessidade e para a alegria de crianças e educadores.

O Programa Mesa Educadora para a Primeira Infância entende que somente com o trabalho coletivo nas escolas o projeto institucional acontece. Neste sentido, toda a equipe escolar precisa estar caminhando em direção ao mesmo objetivo. Assim nasce a Parede Musical...



Fotos: Maurício Burim/SE - EPG João Balbino Filho

PAREDE MUSICAL EPG JOÃO BALBINO FILHO

Não faça os meninos aprenderem pela força e pela severidade; ao contrário, conduza-os por aquilo que os diverte, para que possam descobrir melhor a inclinação de suas mentes.
(PLATÃO, *A República*, VII, apud SME. 2010).

Podemos dizer que nossa escola, a EPG João Balbino Filho, vem mudando suas práticas há alguns anos, mas foi no ano passado que tivemos um grande avanço na forma de planejarmos os espaços e os tempos. Foi em 2015 que nasceu nossa Parede Musical.

A ideia surgiu após duas professoras de nossa escola, Ivanilda Amorim Milani e Sandra Lúcia Estavarenco Barbosa, iniciarem o curso Mesa Educadora, no ano de 2015, e terem como um dos trabalhos ela-

borarem um projeto para a escola. A Professora-Coordenadora Pedagógica, Carolina Canedo Vicari, que já havia participado do curso, incentivou desde o início os professores da unidade a buscar por essa formação, pois sabia das grandes oportunidades formativas desta. A proposta foi trazida pelas professoras para ser compartilhada em hora-atividade e a equipe escolar retomou, na discussão, nossas experiências no campo de vivências sonoras, desenvolvidas desde o ano de 2013.

Chegamos, assim, à proposta de construção de um espaço que estimulasse e valorizasse a expressão musical das crianças e que permitiria, igualmente, trabalharmos diversos saberes apontados na proposta curricular de nosso município, o Quadro de Saberes Necessários (QSN), tal como se vê em saberes de diferentes eixos (Corpo e Movimento, Comunicação e Expressão e Artes), como: conhecer,



Fotos: Maurício Burim/SE
EPG João Balbino Filho

perceber e identificar diferentes ritmos; explorar e produzir os sons do próprio corpo e sons do ambiente, criando situações rítmicas; desenvolver a capacidade de expressar suas necessidades, desejos, sentimentos, por meio das diversas linguagens (corporal, gestual, facial, musical, plástica, escrita, oral, tecnológica etc.); produzir, identificar e localizar sons; conhecer e distinguir sons e suas características; conhecer os instrumentos musicais; criar e imitar sons; perceber o silêncio como elemento complementar ao som; conhecer diferentes tipos de dança, música e ritmo (SME, 2009).

Os estudos têm demonstrado que o desenvolvimento da musicalidade é a essência do processo de tornar-se humano. Essa musicalidade mostra-se não apenas na execução de instrumentos musicais, mas no gesto, nos movimentos e na ludicidade que garante a capacidade de brincar com os sons (MAFFIOLETTI, apud JARDIM, 2013, p. 3).

Todas essas mudanças foram fruto de muitas formações e reflexões em hora-atividade sobre as concepções de criança e infância, sobre a organização e usos dos espaços; nos Conselhos Participativos de Classe e Ciclo (CPCC), quando reelaborávamos nosso

Projeto Político-Pedagógico (PPP) e construíamos os princípios educacionais de nossa escola; em debates e diálogos que traziam a importante questão do que é realmente necessário e significativo para nossas crianças.

... que a Terra está repleta dos mais incomparáveis objetos da atenção e da ação das crianças. Objetos dos mais específicos. É que as crianças são especialmente inclinadas a buscarem todo local de trabalho onde a atuação sobre as coisas se processa de maneira visível. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelos detritos que se originam da construção, do trabalho no jardim ou em casa, da atividade do alfaiate ou do marceneiro. Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas. Neles estão menos empenhadas em reproduzir as obras dos adultos do que em estabelecer entre os mais diferentes materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma relação nova e incoerente. Com isso as crianças formam o seu próprio mundo de coisas, um pequeno mundo inserido no grande (BENJAMIN, Walter, apud MEYER, 2011, Epílogo).



Fotos: Maurício Burim/SE - EPG João Balbino Filho



Fotos: Maurício Burim/SE - EPG João Balbino Filho

Toda a equipe escolar se mostrou satisfeita e animada com a proposta, e todos passaram a colaborar tanto em ideias quanto na preparação da Parede Musical. O momento oportuno de reelaboração do PPP, principalmente no tocante à dimensão Tempos e Espaços, propiciou um repensar sobre os ambientes da nossa escola. Da mesma maneira, a possibilidade de readequar alguns espaços se revelou propícia para colocarmos nosso projeto em andamento. Passamos a analisar, então, qual local da unidade poderia transformar-se na Parede Musical. Percebemos que havia um local sem qualquer uso e que poderia ser destinado a esse projeto, tornando-se mais um ambiente potencializador de aprendizagens e desenvolvimento das crianças. Buscamos sugestões em livros, revistas e internet. Dessa forma, começamos a construir materiais que seriam colocados na parede do local escolhido, após sua pintura.

Muitos outros saberes, além daqueles mencionados, foram e são trabalhados nesse processo de elaboração e de vivências da Parede Musical: respeito ao meio ambiente; concei-

tos e noções matemáticas; criação artística; compartilhamento de objetos, espaços e momentos. É uma feliz articulação entre o projeto Parede Musical e outros projetos já em desenvolvimento na EPG João Balbino Filho, como o de Educação Ambiental, que visa o cuidado e respeito ao meio ambiente. Os elementos que compõem a Parede, por exemplo, são todos confeccionados com sucatas e com a participação dos educandos, o que também revela uma apropriação dos princípios educacionais de nossa unidade, expostos em nosso PPP, como a questão de estimular e valorizar as criações dos educandos.

O mais interessante e significativo de tudo isso é perceber o quanto nossos pequenos estão mais alegres, mais expressivos, mais criativos, estimulados a participar das propostas e sendo, verdadeiramente, protagonistas de sua própria história. As famílias puderam conhecer esse espaço e vivenciar algumas atividades especiais. Os relatos também são sempre positivos. Todos se dizem maravilhados com a ideia e satisfeitos por suas crianças poderem ter um local para

se expressarem e ampliarem suas experiências sonoras. Todos nós estamos! Vemos a alegria e satisfação dos nossos pequenos ao brincarem e se desenvolverem na Parede Musical. Ainda mais pela possibilidade de observarmos que a linguagem musical está mais presente no dia a dia de nossos educandos, em diversas propostas do planejamento semanal, como rodas de música que trazem o uso de um pandeiro, ou uma caixa musical recheada de imagens que são disparadoras de canções e cantigas populares.

Nossa Parede Musical é alegre, é colorida, é viva. Permite encontros e descobertas. Aguça a criatividade das crianças e de todos os educadores que, como agora, já estão pensando em outros elementos que podem deixá-la mais interessante aos nossos pequenos.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JARDIM, Vera Lúcia Gomes. Musicalização na creche: ideias de pedagogos para pedagogos. São Paulo: Porto de Ideias, 2013.

MEYER, Ivanise. Brincar e viver: projetos em Educação Infantil. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE GUARULHOS. Proposta Curricular - Quadro de Saberes Necessários. Guarulhos: SME, 2009.

Manoel por Manoel

Manoel de Barros

Eu tenho um ermo enorme dentro do olho.
Por motivo do ermo não fui um menino peralta.
Agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que
faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro
tipo de peraltagem. Quando eu era criança eu deveria pular
muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho.
Em vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que
pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho
mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto.

Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre
e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do
que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a
gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e
suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas
raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas.

Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina.

É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo
sem pudor.

Eu tenho que essa visão oblíqua vem de
eu ter sido criança em algum lugar
perdido onde havia transfusão da
natureza e comunhão com ela.

Era o menino e os bichinhos.

Era o menino e o sol. O menino e
o rio. Era o menino e as árvores.

(Memórias inventadas -
As Infâncias de Manoel de
Barros, São Paulo: Planeta
do Brasil, 2010. p. 187)



O que a Rede conta



SALAS-AMBIENTE – EDUCAÇÃO EM MOVIMENTO, EDUCAÇÃO EM TRANSFORMAÇÃO

EPG ZUMBI DOS PALMARES



Há escolas que são gaiolas.
Há escolas que são asas.
Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo.
Pássaros engaiolados são pássaros sob controle.
Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser.
Pássaros engaiolados têm sempre um dono.
Deixaram de ser pássaros.
Porque a essência dos pássaros é o voo.
Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados.
O que elas amam são os pássaros em voo.
Existem para dar aos pássaros coragem para voar.
Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros.
O voo não pode ser ensinado.
Só pode ser encorajado.
(Rubem Alves)

Encorajar o voo, transformar nosso olhar sobre a educação, este é o ponto de partida do nosso projeto: repensar nossas práticas e enriquecer as experiências com vistas aos educandos que estamos formando. O ano de 2015 marcou a história da EPG Zumbi dos Palmares. Foi o ano em que decidimos dar um passo a mais ao encontro da educação que sonhamos para nossas crianças. O projeto batizado de Fazendo a Ponte no Zumbi consiste em caracterizar cada espaço, concentrando materiais e recursos, adequando a rotina das crianças para que vivenciem toda a escola como um grande espaço de aprendizado, compartilhado com todos e cheio de possibilidades.

O espaço físico da escola foi radicalmente modificado: saíram as salas convencionais e cada classe ganhou um tema, que determinou sua organização. Além dos espaços que já existiam — brinquedoteca, sala de vídeo, parque e arena — a escola ganhou salas de linguagem, jogos, artes, teatro, leitura, movimento, natureza e dança. Todos os materiais que já estavam disponíveis foram remanejados para o espaço onde melhor se encaixavam, e os recursos recebidos pela escola foram direcionados à qualificação desses ambientes.

Nesse ponto, deparamo-nos com outra questão: como organizar as turmas para que todos pudessem desfrutar de todos os espaços? A rotina também ganhou uma nova cara, as crianças circulam pelas salas, trocando de sala uma vez por dia, de modo que, ao final de seis dias, todos os ambientes são utilizados. Para localizar as famílias e a equipe escolar, foi instituído um sistema de cores e bandeiras, em que cada classe é representada por uma bandeira com uma cor, que é pendurada no espaço onde a turma está realizando suas atividades.

Acreditamos em uma educação que possibilita novas formas de pensamento, na qual os indivíduos interajam entre si e com o lugar onde vivem e compreendam que são partes atuantes da sociedade, com direitos e deveres. O uso dos espaços é compartilhado por toda a escola e, desde cedo, as crianças percebem que o mau uso de um material ou um espaço reflete na rotina de todos. O pensamento crítico torna-se constante, e cada educando pode refletir sobre valores como ética, respeito e solidariedade.

Ao mesmo tempo que circulam por todos os espaços, os educandos têm contato com toda a comunidade da escola, desde funcionários até crianças de outras faixas etárias. O convívio entre as diferentes modalidades traz benefício para todas as crianças, uma vez que todas se sentem parte de um grande grupo, conhecem todos os educadores e convivem com a diversidade.

Valorizamos o fazer pedagógico que privilegia o respeito ao tempo de aprendizado de cada criança e possibilita, em diferentes momentos, que esta se coloque no papel de protagonista na construção do conheci-



Foto: Acervo da EPG Zumbi dos Palmares

mento, sempre de forma lúdica e prazerosa. Os projetos realizados pelos educadores corroboram os valores de autonomia, oportunizando o contato com a cultura e proporcionando a formação integral dos educandos, que, em um ambiente onde têm condições de expressar e experimentar as diversas linguagens, podem desenvolver de forma rica suas potencialidades.

Como o próprio ser humano em constante mudança, enxergamos nosso projeto como um processo vivo. Procuramos conciliar as dificuldades decorrentes do desejo de fazer algo diferente com o compromisso de ter sempre como objetivo uma educação que

contemple as necessidades do educando de hoje. É consenso que o modelo escolar mudou pouco comparado às gerações anteriores, e que a realidade de nossos educandos é permeada por recursos que outrora não faziam parte do nosso cotidiano.

Precisamos considerar as necessidades desses indivíduos que estão se formando para fazer parte dessa nova configuração de sociedade, que tem ao seu alcance, de forma quase instantânea, uma gama de informações e tecnologias e que precisam fazer uso delas de forma consciente, a fim de construir um mundo melhor para todos.



Foto: Acervo da EPG Zumbi dos Palmares

PROJETO CONTA OUTRA VEZ EPG DJANIRA DA MOTA E SILVA

*Ouvir histórias é viver um momento de gostosuras, de prazer, de divertimento dos melhores...
É encantamento, maravilhamento, sedução...
Fanny Abramovich*

NO QUE ACREDITAMOS?

Que as histórias lidas e contadas constituem momentos mágicos, em que o educador estabelece com a criança um clima de cumplicidade. O ato de ler e contar histórias é próprio do ser humano, de modo que as ações planejadas têm como objetivo desenvolver na criança o gosto pela literatura e o entendimento de sua função social. Sendo assim, desde 2015 estamos realizando o Projeto Conta Outra Vez, no qual viajamos com nossas crianças pelo mundo da imaginação, garantindo a todos o acesso, desde cedo, aos bens culturais e o respeito à diversidade.

As histórias contribuem para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social de nossas crianças, despertando a criatividade, a imaginação e a curiosidade de forma mais prazerosa.

Coordenadora Selma Aparecida da Silva Cantuária

Trabalhar com o Projeto Conta Outra Vez é enriquecedor, pois a literatura tem um papel importantíssimo na formação da criança. Ela permite desenvolver a imaginação e superar os medos. Temos um extenso repertório de atividades e as crianças participam ativamente da construção de seu aprendizado.

Professora Cynthia Aparecida dos Santos

Com esse projeto atingimos não só as crianças, mas também a nós mesmos, porque vamos buscando novas estratégias, recursos e formas para tocar os pequenos, dando novo sentido para nossa prática, reinventando-a e ressignificando-a.

Professora Marilene dos Santos

O QUE FAZEMOS?

Nessa viagem coletiva, que leva as crianças a lugares inimagináveis, organizamos as Malas da Leitura, que com suas rodinhas viajam de um espaço a outro da escola, levando um acervo repleto de aventuras e encantamentos ao ser aberta e seu conteúdo manuseado. Há uma mala para os Estágios e outra para a Creche, com livros selecionados, apropriados para cada faixa etária, cujos títulos são periodicamente renovados de acordo com a intencionalidade do professor.

Esses espaços estão cada vez mais aprimorados. Na Creche, por exemplo, há um ambiente preparado para acolher e envolver as crianças na magia da leitura.

Outro espaço importante é a Tenda da Leitura, uma estrutura montada na área externa da escola, onde as crianças participam de momentos lúdicos, vivenciam a contação de histórias, a leitura de vários gêneros textuais, o manuseio de fantoches e dedoches, entre outros. São atividades planejadas que fazem parte da Programação de nosso Projeto Político-Pedagógico (PPP). Nas salas de aula há ainda os cantinhos de leitura, onde temos baús e/ou prateleiras repletos de revistas infantis, livros e gibis, à disposição das crianças para usufruírem a qualquer momento.

Também possuímos o avental de histórias, outro recurso fantástico, pois podemos

ENQUANTO ISSO NA HORA DA HISTÓRIA...

- Professora!
- Oi, Pedro! Fala.
- Você é uma princesa encantada!
- Ah! Que lindo! E você é meu príncipe!

(Aluno Pedro Miranda de Lima
Professora Marilene dos Santos)

- Prô, essa mala é muito linda!
Posso levar pra casa?
- A mala é muito grande e pesada!
- Mas ela tem rodinhas...

(Aluna Rayssa do Prado
Fernandez da Silva
Professora Angela Barboza)

- Professora, professora! Você sabia que a barriga do meu pai está igual a do lobo mau!
- Por quê?
- É que tá desse tamanho! (gesto).
- Mas a do lobo mau é porque tá cheia de pedra!
- E a do meu pai de comida! (risos)

(Aluna Sophia Sales de Castro
Professora Gisele dos Santos
Oliveira)

- Nossa, Prô! Esse pirata não escovou o denticinho!
(quando viu a ilustração no livro).
- Será que a Prô dele não ensinou?

(Aluna Laura Beatriz Ramos da Silva
Professora Angélica Aparecida de Oliveira)

abusar da criatividade, montar um cenário como, por exemplo, uma floresta, um jardim, um castelo etc., e ir trocando só os personagens da história; os fantoches e dedoches, que as crianças adoram, possibilitam a interação entre mais de um narrador; o livro com ilustrações grandes e atrativas é um ótimo material, pois possibilita a leitura de imagens no momento da narrativa; as dobraduras oferecem momentos de criatividade e interação entre as crianças.

Nas atividades de leitura e contação, uma linguagem de que não podemos abrir mão é a música. A todo momento ela é bem-vinda, pois muitas histórias têm canções e/ou alguns trechos são sonorizados.



Foto: Acervo da EPG Djanira da Mota e Silva

Esse projeto apresentou resultados tão satisfatórios em 2015 que fomos convidados a divulgá-lo no Essa é Minha Escola (Acontece na Rede de 17/05/2015) e resolvemos apresentá-lo também na 6ª Mostra de Educação Municipal, na qual montamos vários ambientes para os participantes vivenciarem as atividades que desenvolvemos com nossas crianças. Foi um momento de muita satisfação de toda a equipe escolar pelo reconhecimento de nosso trabalho.

Enfim, o Projeto Conta Outra Vez continua em 2016! E percebemos o mesmo brilho no olhar, o suspiro de ansiedade das crianças para que comece logo a história e o entusiasmo para que sejam desvendados todos os segredos guardados nessa magia. É puro encantamento.



Filme: Pequeno Príncipe

Direção: Mark Osborne; **Ano:** 2015; **País:** França; **Classificação:** Livre
Duração: 106 min.

Uma garota acaba de se mudar com a mãe, uma controladora obsessiva que deseja definir antecipadamente todos os passos da filha para que ela seja aprovada em uma escola conceituada. Entretanto, um acidente provocado por seu vizinho faz com que a hélice de um avião abra um enorme buraco em sua casa. Curiosa em saber como o objeto parou ali, ela decide investigar. Logo conhece e se torna amiga de seu novo vizinho, um senhor que lhe conta a história de um pequeno príncipe que vive em um asteróide com sua rosa e, um dia, encontrou um aviador perdido no deserto em plena Terra.

Fonte: <http://www.belasartescine.com.br>

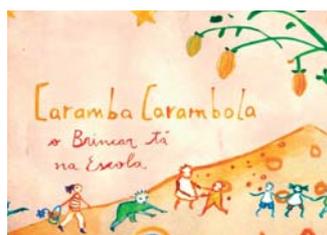


Vídeo: Território do Brincar: Diálogo com Escolas

Direção: David Reeks e Renata Meireles; **Ano:** 2015; **País:** Brasil; **Gênero:** Documentário; **Classificação:** Livre; **Duração:** 90 min.

A parceria do Território do Brincar com escolas foi realizada através de videoconferências mensais com temas organizados pela equipe do Território do Brincar, encontros no Instituto Alana com palestrantes convidados e um projeto de pesquisa realizado em cada escola parceira sobre a brincadeira de casinha. Estas atividades foram registradas em um documentário lançado em 2015, com o objetivo de compartilhar o caminho de reflexão e diálogo entre as Escolas e o Território do Brincar.

Fonte: <http://territoriodobrincar.com.br>



Vídeo: Caramba, Carambola o brincar está na escola.

Direção: Olindo Estevam; **Ano:** 2013; **País:** Brasil; **Gênero:** Documentário; **Classificação:** Livre; **Duração:** 30 min.

É um documentário poético que passeia pelas possibilidades de criar cultura infantil dentro das instituições públicas de ensino. Seu objetivo é contribuir para a formação do educador da infância, ajudando-o a compreender a importância de garantir tempos, espaços, materiais, relações para a brincadeira acontecer no dia a dia das escolas, e possibilitando-lhe buscar soluções simples.

Fonte: <https://educacaoeparticipacao.org.br>



Vídeos: Diretrizes em ação

Roteiro: Edi Fonseca, Maria Virgínia Gastaldi, Sílvia Pereira de Carvalho; **Ano:** 2015; **País:** Brasil; **Gênero:** Documentário; **Classificação:** Livre; **Duração:** 37 min.

Diretrizes em Ação – Qualidade no dia a dia da Educação Infantil: é resultado do trabalho realizado em 2011 e 2013 em parceria com o Instituto Avisa Lá em 20 municípios da Baixada Maranhense e Imperatriz, no Estado do Maranhão. O projeto buscou de forma inovadora apoiar os municípios na implementação, em suas práticas educativas, das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs). O objetivo é incentivar os municípios brasileiros a revisitarem suas propostas educativas e oferecer experiências significativas às crianças matriculadas na Educação Infantil.

Fonte: <http://avisala.org>.



CD Brinquedo Cantado



CD Pequeno Cidadão

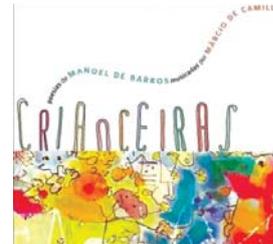
Arnaldo Antunes, Edgard Scandurra, Antonio Pinto e Taciana Barros



CD Crianceiras

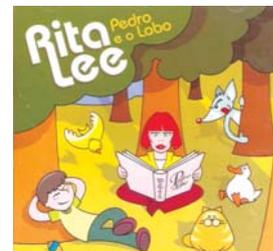
É um projeto educativo que propôs musicar a poesia de Manoel de Barros para o público infantil. São 10 poemas musicados pelo cantor e compositor Márcio De Camillo, que interpreta as canções ao lado de mais de 15 crianças nos vocais. O álbum foi indicado como um dos três melhores álbuns infantis de 2012 pelo “Prêmio da Música Brasileira”. A capa do disco é ilustrada pela filha do poeta, Martha Barros, e o encarte traz fotos das crianças durante as gravações do álbum.

Fonte: <http://www.crianceiras.com.br>



CD Pedro e o Lobo

Este álbum apresenta a fábula musical “Pedro e o Lobo”, do compositor clássico Sergei Prokofiev (1891-1953), narrada pela cantora Rita Lee, com acompanhamento da Orquestra Nova Sinfonieta e regência do Maestro Roberto Tibiriçá.



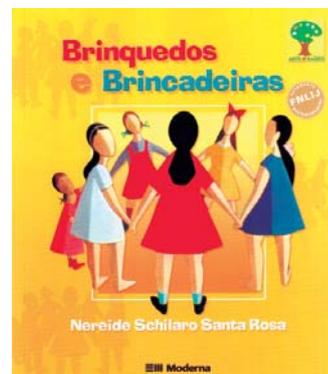
Livros

- 📖 BRITO, Teca de Alencar. **Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança.** São Paulo: Peirópolis, 2003.
- 📖 BRITO, Teca de Alencar. **Quantas músicas tem a música? Ou Algo estranho no museu!.** São Paulo: Peirópolis, 2009.
- 📖 SILVA, Lucilene. **Eu vi as três meninas: música tradicional da infância na aldeia de Carapicuíba.** Carapicuíba, SP: Zerinho ou Um, 2014.
- 📖 PERES, Sandra; TATIT, Paulo. **Palavra Cantada – O livro de Brincadeiras Musicais.** Volume 1. São Paulo: Melhoramentos, 2010.
- 📖 PERES, Sandra; TATIT, Paulo. **Palavra Cantada - Brincadeiras Musicais.** Volume 2. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

Livro Brinquedos e Brincadeiras

Coleção Arte e Raízes | Ed: Moderna | Autor: Nereide Schilaro Santa Rosa

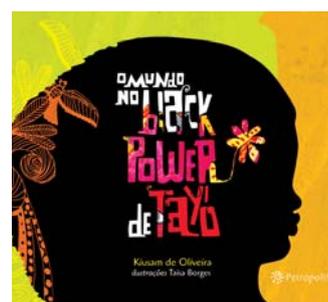
Os brinquedos e brincadeiras populares, como bolas e bonecas, pipas e piões, cabras-cegas e cirandas sempre divertiram as crianças nas aldeias, ruas, quintais, parques, enriquecendo nossas raízes e servindo de inspiração a notáveis artistas plásticos. Descubra a cultura de nossa gente por meio do olhar de nossos artistas. Conheça a beleza de nossa arte a partir de nossas raízes.



Livro O Mundo no Black Power de Tayó

Autora: Kiusam de Oliveira | Ilustradora: Taisa Borges | Ed: Peirópolis

Tayó é uma menina negra que tem orgulho do cabelo crespo com penteado *Black Power*, enfeitando-o das mais diversas formas. A autora apresenta uma personagem cheia de autoestima, capaz de enfrentar as agressões dos colegas de classe, que dizem que seu cabelo é “ruim”. Mas como pode ser ruim um cabelo “fofo, lindo e cheiroso?” Vocês estão com dor de cotovelo porque não podem carregar o mundo nos cabelos’, responde a garota para os colegas. Com essa narrativa, a autora transforma o enorme cabelo crespo de Tayó numa metáfora para a riqueza cultural de um povo e para a riqueza da imaginação de uma menina sadia.



Coleção Crianças Famosas

Callis Editora

Os livros da coleção Crianças Famosas contam episódios da infância dos maiores músicos, pintores e escritores da História Universal, mostrando sua genialidade precocemente revelada e apresentando-os ao público infantil.



O Tesouro das Cantigas para Crianças Cantando, Brincando e Aprendendo

Organização: Ana Maria Machado | Ilustrador: Cláudio Martins



As cantigas infantis brasileiras tradicionais são um tesouro que a gente não pode jogar fora. Garimpando na memória e conferindo com as obras de pesquisadores e folcloristas, a premiada escritora Ana Maria Machado reuniu neste livro uma primeira coletânea de algumas dessas letras, parlendas e trovas mais conhecidas. Umas, muito simples, outras, sutilmente refinadas. Quase todas, conhecidíssimas. As cantigas são ilustradas pelos divertidos traços de Cláudio Martins e estão disponíveis em um CD, que acompanha o livro.

Para saber mais:

www.mapadainfanciabrasileira.com.br

www.casaredondacentrodeestudos.com.br

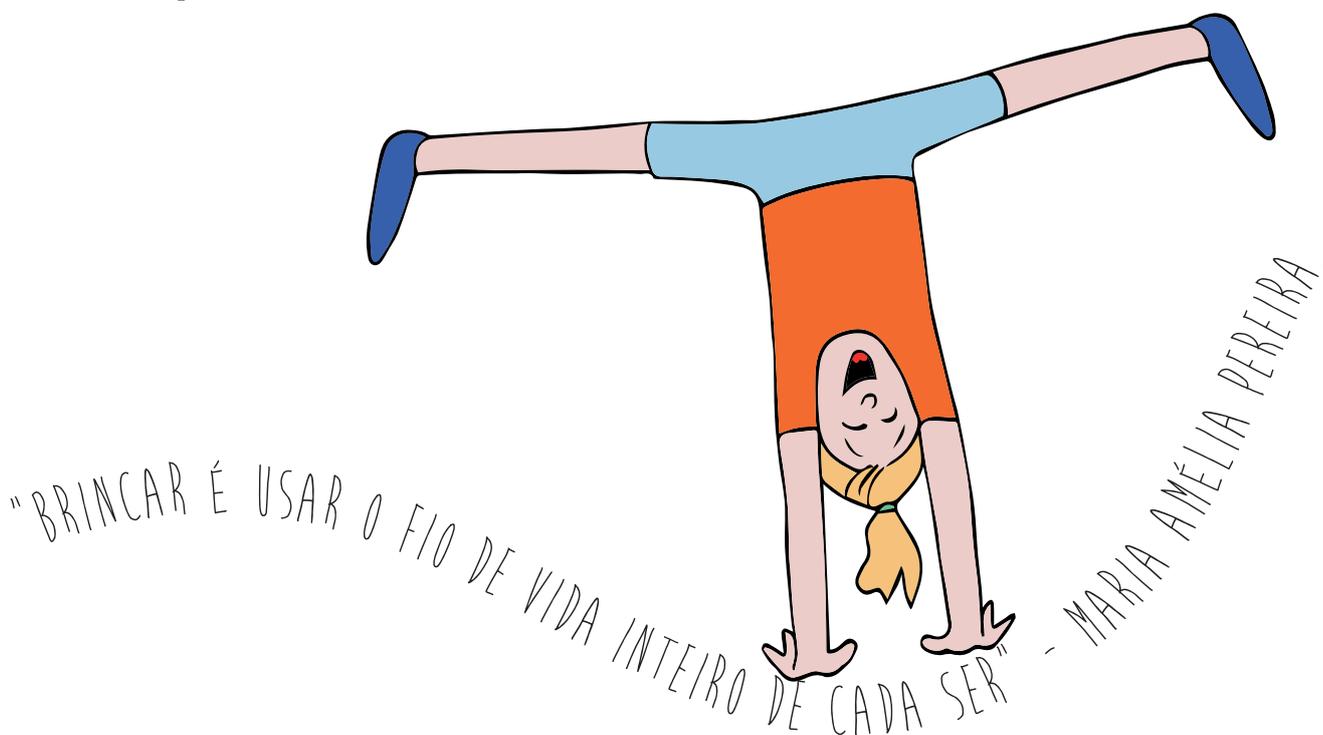
www.escolaoficialudica.com.br/brincadeiras

www.laab.ufpa.br (ludicidade africana e afro-brasileira)

www.acordacultura.org.br

<https://pibmirim.socioambiental.org/>

www.institutobrincante.org.br



Quem quer brincar põe o dedo aqui

HISTÓRIA COM RIMA: A CASA E O SEU DONO

Elias José

Essa casa é de caco
quem mora nela é o...

Essa casa tão bonita
quem mora nela é a...

Essa casa é de cimento
quem mora nela é o...

Essa casa é de telha
quem mora nela é a...

Essa casa é de lata
quem mora nela é a...

Essa casa é elegante
quem mora nela é o...

Descobri de repente
que não falei em casa de gente.



CARACOL

Como se brinca:

1. Forma-se uma roda de mãos dadas, que começa a girar com a cantiga.
2. Quem puxa o caracol solta a mão da pessoa da frente e inicia a espiral para dentro da roda.
3. Quando o “puxador” do caracol chega ao centro, vai desenrolando na direção contrária.

Observações: é importante andar sempre no mesmo sentido. Quem está na frente do “puxador” estará até o fim. Durante esse movimento, acelera-se a cantiga, as batidas do instrumento e o movimento. É preciso segurar firme na mão do colega para não desfazer o caracol.

Cantiga

Caracol

Bem pertinho, devagar,

Caracol já vai entrar.

Ele vai assim entrando,
enrolando, enrolando.

A casinha para ele dá,
escondidinho bem está.



PAGADALÁ

Como se brinca:

1. Enquanto se canta a cantiga, o grupo se movimenta. Se estiverem em roda, giram; se estiverem soltos, caminham no ritmo.
2. Um participante carrega a varinha e, no final da cantiga, escolhe uma criança e coloca a varinha sobre a cabeça dela.
3. A criança escolhida fica imóvel como uma estátua, e todos a imitam. Quando recomeça a cantiga, essa criança passa a carregar a varinha.

Cantiga

Pagadalá, a varinha mágica,
Pirlimpimpim você fica assim.



JACARÉ

Como se brinca:

1. Com as mãos juntas em forma de concha, cantar movimentando as mãos como se fossem a boca do jacaré.
2. Unir as pontas dos dedos na parte que mostra os dentes.
3. Fazer uma pausa antes de comer tudo: “nhac, nhac, nhac”. Nesse momento, faz de conta que está comendo o braço, a mão, a perna da criança.

Cantiga

Jacaré

Jacaré passeando na lagoa,
Jacaré passeando na lagoa.
Abriu a bocona, mostrou os denticinhos... E nhac, nhac, nhac.



CD Retalhos Brasileiros - Nós Vamos Fazer Música

Corais da Rede Municipal de Educação de Guarulhos (vol. 1 e 2)

Quem canta convida ao sonho.

O sonho é o primeiro passo para o conhecimento.

Os programas de sensibilização musical da Secretaria Municipal de Educação de Guarulhos tiveram início em 2002, com o objetivo de promover um maior aprofundamento do conceito estético musical, num processo dialético entre teoria e prática. O projeto de Canto Coral deu origem à diversos outros corais: os de crianças nas escolas, aos corais da comunidade e ao Coral de educadores: Educacção. Além dos programas de música, que envolvem o Projeto de Violinos nas Escolas e Introdução à Camerata de Cordas, possibilitando a educandos e educadores o contato com instrumentos musicais como violino, flauta doce, cordas, sopro, percussão. Ainda dentro desses projetos, educandos e educadores conhecem a história da música e aprendem a ler partituras (o alfabeto da música ocidental).

Em 2004, foi lançado o CD *Nós Vamos Fazer Música*, com a participação de 330 crianças. Este trabalho sistematizava as atividades de canto coral de diversas escolas da Rede Municipal de Educação de Guarulhos. O CD *Retalhos Brasileiros: Nós Vamos Fazer Música 2*, sistematiza os avanços e a ampliação dos programas de sensibilização musical, que vêm transformando a história de educandos e educadores de nosso município. Estas ações demonstram que a arte-educação pode suscitar o repensar do sentido da vida na sociedade contemporânea e, nela, o papel de cada um de nós, confirmando a escola como importante espaço para se encontrar sentidos perdidos, construir novos sentidos e recontar a própria história.





Prefeito
Sebastião Almeida

Vice-Prefeito
Carlos Derman

Secretário Municipal de Educação
Prof. Moacir de Souza

Secretária Adjunta de Educação
Prof.ª Neide Marcondes Garcia

Diretora do Departamento de Ensino Escolar
Sueli Santos da Costa

Diretora do Departamento de Orientações
Educacionais e Pedagógicas
Sandra Soria

Diretor do Departamento de Controle da
Execução Orçamentária da Educação
Fernando Ferraz

Diretor do Departamento de Alimentação e
Suprimentos da Educação
Reginaldo Andrade Araújo

Diretor do Departamento de Manutenção
de Próprios da Educação
José Severino Sobrinho

Diretor do Departamento de Planejamento
e Informática na Educação
Carlos Eduardo da Silva

Diretora do Departamento de Serviços
Gerais da Educação
Margarete Elisabeth Shwafati

DIVISÃO TÉCNICA DE POLÍTICAS PARA EDUCAÇÃO INFANTIL

Adriana Ranieri Ortigosa Baraldi, Débora Raquel Silva Dias,
Eduardo Augusto Ribeiro Ramiro, Eliana Silva, Luciana Cristina Pereira Fonseca,
Lucilene Fernandes Bensadon, Lucília Ribeiro de Souza, Maria Iraldina Pires,
Marisa Catarina Delorenzo, Pricila Pires, Rita de Cassia Cardoso,
Roseli Bezerra Martins, Simone Datoguêa Silva, Solange Rufino Martins Gomes.
Assessoria:Tiago Rufino Fernandes. Revisão: Sílvia Furtado Simão

DIVISÃO TÉCNICA DE PUBLICAÇÕES EDUCACIONAIS

Gerência: José Augusto Lisboa
Criação e Design: Anna Solano (Ilustração)
Claudia Elaine da Silva e Eduardo Calabria Martins
Fotografia: Maurício Burim Perejão
Administrativo: Maristela Barbosa Miranda
Reportagem, Assessoria de Imprensa e Revisão:
Carla Maio, Eric Shibuya e Yve de Oliveira
Marketing e Clipping: Danielle Andrade

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Rua Claudino Barbosa, 313 - Macedo - Guarulhos/SP
CEP 07113-040 - TEL.: 2475-7300

Novembro de 2016

PREFEITURA DE GUARULHOS

Rua Claudino Barbosa, 313 - Macedo - CEP 07113-040

PABX: (11) 2475-7300

<http://www.guarulhos.sp.gov.br/secretarias/educacao>